

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo desta tese
será disponibilizado somente a partir
de 28/09/2018.

MARTA FRANCISCO DE OLIVEIRA

**CLARICE LISPECTOR:
a poética de um (in)certo exílio**

ASSIS

2016

MARTA FRANCISCO DE OLIVEIRA

**CLARICE LISPECTOR:
a poética de um (in)certo exílio**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista, para a obtenção do título de Doutora em Letras (Área de conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Figueiredo Martins

ASSIS

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

O48c Oliveira, Marta Francisco de
Clarice Lispector: a poética de um (in)certo exílio / Marta
Francisco de Oliveira. Assis, 2016.
274 f.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista
Orientador: Dr. Gilberto Figueiredo Martins

1. Lispector, Clarice 1920-1977 – Crítica e interpretação. 2.
Poética. 3. Exílio. I. Título.

CDD 869.909

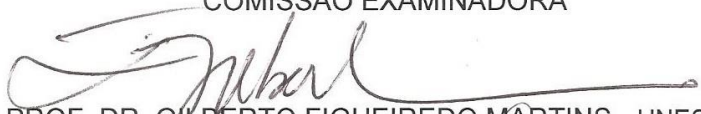
MARTA FRANCISCO DE OLIVEIRA

CLARICE LISPECTOR: a poética de um (in)certo exílio

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis
para obtenção do título de Doutora em
Letras. (Área de Conhecimento:
Literatura e Vida Social)

Data da Aprovação: 28/09/2016

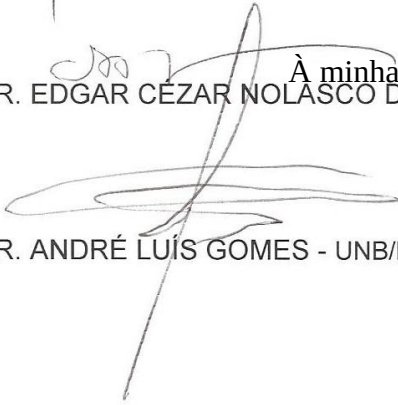
COMISSÃO EXAMINADORA


PRESIDENTE: PROF. DR. GILBERTO FIGUEIREDO MARTINS - UNESP/Assis


MEMBROS: PROFA. DRA. SILVIA MARIA AZEVEDO - UNESP/Assis


PROFA. DRA. SANDRA APARECIDA FERREIRA - UNESP/Assis


PROF. DR. EDGAR CEZAR NOLASCO DOS SANTOS - UFMS/Campo Grande


PROF. DR. ANDRÉ LUÍS GOMES - UNB/Brasília

À minha família, aos mestres, aos amigos...

O mundo de fora também é íntimo.

No entanto, o que terminei sendo, e tão cedo? Terminei sendo uma pessoa que procura o que profundamente se sente e usa a palavra que o exprima. É pouco, é muito pouco.

Clarice Lispector

OLIVEIRA, Marta Francisco de. **Clarice Lispector: a poética de um (in)certo exílio**. 2016. 274 f. Tese (Doutorado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

RESUMO

A tese aqui apresentada analisa como a obra *O lustre*, o segundo romance da escritora Clarice Lispector, publicado em 1946, pode propiciar novas leituras que destacam o valor estético-literário de um romance às vezes relegado a segundo plano no conjunto de obras da escritora. A leitura proposta mostra como *O lustre* pode ser lido como uma narrativa poética, um relato esteticamente elaborado de modo a deixar entrever como Lispector cria uma poética acerca de um (in)certo exílio, com base nos elementos de experiência e de vivência da autora e de sua família, portanto orientada segundo os preceitos da crítica biográfica. Tratar de elementos da experiência como referência para sua literatura justifica a menção que se fará paralelamente ao romance *No exílio*, de Elisa Lispector. Diferindo da ideia tradicional relacionada à condição exílica, o que se nota na ficção clariceana, através da personagem Virgínia, é a representação de um exílio tratado literariamente, uma visão particular que o converte, esteticamente, em uma poética. Neste respeito, tal poética tampouco se completa ou se esgota no romance de 1946, mas estende-se, sob vários aspectos, para o exercício de escritura e trabalho com a linguagem que Clarice Lispector levará a cabo nos romances seguintes, *A cidade sitiada* e *A maçã no escuro*, de 1949 e 1961, respectivamente, obras que estarão no horizonte de leitura e em diálogo com *O lustre* neste trabalho. A forma de abordagem clariceana da ideia do exílio não é direta, mas há uma referencialidade oblíqua que pode ser rastreada nas marcas que revelam o diálogo entre o ficcional e o cultural, a ficção que surge nas linhas de seu texto e a vivência da escritora e sua família. O traço cultural será agregado tanto na composição como na leitura do romance, alcançando a própria palavra, exilando-a também. De fato, ao analisar como a poética de exílio se constitui como invenção literária clariceana, este estudo versará acerca de como Clarice Lispector compõe o texto e as relações entre personagens, espaço e a própria linguagem.

PALAVRAS-CHAVE

Clarice Lispector. Poética. Exílio. Narrativa poética. *O lustre*.

OLIVEIRA, Marta Francisco de. **Clarice Lispector: the poetic of an (un)certain exile**. 2016. 274 p. Thesis (Doctorate in Letters). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

ABSTRACT

The thesis presented here analyses how the novel *The Chandelier*, the second novel of writer Clarice Lispector, published in 1946, can provide new readings that highlight the aesthetic and literary value of the romance that is sometimes relegated to the background in the writers set of novels. The reading proposal shows how *The Chandelier* can be read as a lyrical novel, an account aesthetically prepared in order to adumbrate as Lispector creates poetics about an uncertain exile, based on elements of experience of the writer and her family and therefore guided by the precepts of biographical criticism. Dealing with elements of experience as a reference for her literature justifies the mention of parallels with the novel *In Exile* by Elisa Lispector. Differing from the traditional ideas related to the condition of exile, which is notable in Claricean fiction, through the character Virginia, is the representation of exile treated literary, a particular view that converts aesthetically in poetics. In this respect, such poetics are neither complete nor exhaust the romance of 1946, but extend it under various aspects, for the exercise of writing and work with the language that Clarice Lispector will pursue in the novels to follow, *The Besieged City* and *The Apple in the Dark*, 1949 and 1961, respectively, works that will be on the reading horizon and dialogue of *The Chandelier* in this work. The way that Claricean fiction approaches the idea of exile is not direct, but there is an oblique reference that can be traced in features that reveal the dialogue between the fictional and cultural, fiction that appears in the lines of your text and the experience of the Writer and her family.

A cultural trait will be added both in the composition as in the reading of the novel, reaching the word itself, exiling it also. In fact, when analysing the poetics of exile, which constitute an invention of Claricean literature, then this study deals with how Clarice Lispector composes the text and the relationship between characters, space and language itself.

KEY WORDS:

Clarice Lispector. Poetic. Exile. Lyrical Novel. *The Chandelier*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p.10
CAPÍTULO 1 – Sobre diásporas e exílios: influências e ressonâncias de uma construção poético-narrativa	p. 39
1.1. Escritos clariceanos: papéis avulsos, textos esparsos	p. 59
1.2 – Uma memória declarativa: relatos de exílio e de fazer ficcional	p. 82
1.3 – Vida <i>versus</i> ficção: a trajetória dos Lispector em <i>No exílio</i>	p. 94
CAPÍTULO 2 – A narrativa poética de exílio na obra de Clarice Lispector	p. 108
2.1 – Como se narra o exílio: do <i>récit poethique</i> e <i>lyrical novel</i> ao fluxo de consciência	p. 114
2.2 – A narrativa poética em construção: uma trajetória exílica.....	p. 126
2.3 – A poética de exílio e exílio cultural: entre traços de judeidade e de inventividade clariceana	p. 134
CAPÍTULO 3 - <i>O lustre</i> : luz inicial sobre a poética do exílio	p. 150
3.1 – Relatos peregrinos de um (in)certo exílio: percorrer cartas e perceber o espaço	p. 151
3.2 – <i>O lustre</i> e a crítica: por entre a narrativa poética e o cruel realismo	p. 161
3.3 – O caminho do silêncio	p. 175
3.4 – O exílio como opção e recurso poético-narrativo	p. 184
CAPÍTULO 4 – Um estilo de escritura: a construção do espaço na poética clariceana de exílio	p. 200
4.1 – O percurso diaspórico de Virgínia: símbolos e referências	p. 203
4.2 – Marcas de exílio: da espacialidade do corpo à construção do espaço	p. 214
4.3–Territórios distintos, espaços movediços: engendrando um estilo de narração	p. 224
4.4 – O retorno ao lar: o espaço exílico da memória.....	p. 235
PALAVRAS FINAIS	p. 250
REFERÊNCIAS	p. 262

INTRODUÇÃO

A introdução que farei a este trabalho será acompanhada de algumas considerações iniciais expondo aspectos que julgo relevantes para pensar a construção de uma poética de exílio que leio na obra da escritora Clarice Lispector, especificamente em *O lustre*, romance de 1946, mas com repercussões ao longo de um período relativamente extenso de sua produção literária, no qual escreveu *A cidade sitiada* e *A maçã no escuro*. A obra clariceana, gozando de vasta e variada fortuna crítica desde a estréia de Clarice nas artes literárias brasileiras, ainda bastante jovem, sem dúvida tem garantido seu espaço entre os grandes escritores de nossa literatura moderna. Exatamente deste fato decorrem as múltiplas análises que seus textos já receberam, tornando mais árduo o trabalho de pesquisadores atuais que desejam empreender a leitura dos romances e contos claricianos sob novos prismas. No entanto, exatamente devido à riqueza de sua escritura, pode-se afirmar que as pesquisas possíveis ainda estão longe de seu esgotamento, o que comprova o alcance de sua literatura e o encanto que pode exercer sobre novas gerações de leitores, a despeito do que a autora chegou a afirmar, possivelmente numa de suas tentativas de despistar o leitor desavisado: “O bom de escrever é que não sei o que escrever na próxima linha. Eu queria saber sobre o que pretendem de mim os meus livros. Eu não escrevo para a posteridade.” (BORELLI, 1981, p. 75)

Despreocupação com possíveis leituras externas de seus livros e uma busca pela expressão de profundos sentimentos – eis uma provável definição pessoal de Clarice Lispector acerca de sua escritura. Percebo em seu trabalho a constante procura, um reflexo da inquietação como artista que em sua obra mimetiza tanto uma trajetória de herança cultural quanto a própria incursão lispectoriana no mundo da linguagem, redesenhada na ficção. Deste modo, Clarice tece um relato marcado pela aparentemente insuperável tensão entre duas forças que determinam sua herança cultural e sua vocação para as letras. Refletida no texto, tal tensão é lida como o embate entre um ‘fora’ e um ‘dentro’, mimetizado na escritura e representado na ficção, em especial nas obras iniciais de Lispector, embora não apenas, dando os contornos da poética que começa a construir. Visíveis parcialmente e com menos ênfase em *Perto do coração selvagem*, o romance de estreia de 1943, marcas culturais se farão sentir mais plenamente a partir da

composição de *O lustre*, obra na qual leio os indícios de uma narrativa gerada também como uma espécie de poética de experiência, de uma vivência que bem poderia ser pessoal e familiar como também poderia se revelar universal. Eis a razão de manter os parênteses no título: o exílio tecido como poética é decorrente de uma certa forma de leitura e, ao passo que destoa do conceito corrente que o vocábulo pode evocar, através das personagens se percebem distintas facetas da idéia de exílio, tratadas literariamente. Neste romance de 1946 começo, portanto, a rastrear a tensão específica que dará os contornos de uma poética de exílio na obra clariceana, incerto e pouco preciso em termos de definição, escapando a moldes, como a própria literatura de Lispector.

Detendo-me de modo mais específico no segundo romance, procuro, contudo, indicar algumas possíveis ressonâncias em sua obra. Em alguns momentos, convém expandir o recorte que faço para abarcar um período ampliado de produção que, em linhas gerais, abrange os anos de escrita do segundo ao quarto livro da escritora. Quanto aos aspectos externos ao texto, mas relevantes no que se refere ao contexto de produção, a publicação dos romances *O lustre*, *A cidade sitiada* e *A maçã no escuro* pertence a um período que corresponde à fase de vida da escritora longe do Brasil, o que a impossibilitou de acompanhar de perto as etapas de publicação e recepção das obras. Do ponto de vista da crítica, vale a ressalva de que as obras de Clarice Lispector, classificadas comumente como romances, se enquadram entre aquelas que permitem um novo olhar sobre o conceito; de fato, atualmente esta concepção esbarra no território escorregadio das definições precisas de gênero, o que é relevante para este trabalho que se pauta na análise de uma poética em construção. Assim, a base teórica para o entendimento da forma narrativa de Clarice se ancora, em princípio, nas definições de *lyrical novel*, de Ralph Freedman, e *récit poétique*, de Jean-Yves Tadié, que traduzirei, para a leitura de *O lustre*, como relato poético, ou narrativa poética.

Para minha leitura, destaco que tampouco estes conceitos definem precisamente a escrita clariceana, sendo necessário buscar apoio adicional na compreensão da crítica atual acerca do “termo *stream of consciousness* (ou ainda *stream of thought* e *stream of subjective life*), criado pelo psicólogo William James (1955)”, segundo Alfredo Leme Coelho de Carvalho (2012, p. 57), traduzido e entendido como fluxo de consciência, uma representação buscada por alguns ficcionistas “para exprimir a continuidade dos processos mentais” (CARVALHO, 2012, p. 57) das personagens, construindo uma forma de narrar fluida e, muitas vezes, alucinante. Se em *O lustre* esse processo de escrita não está bem definido, com a preponderância do modo de narrar em terceira

pessoa, mas muitas vezes aderido à personagem de tal forma que ambas as vozes se confundam, o processo vai se repetindo e se aprimorando com as diferentes construções dos narradores de *A cidade sitiada* e de *A maçã no escuro*.

Sem dúvida, esse processo, como uma experimentação de focos narrativos, foi essencial para a consolidação do modo de narrar que Clarice Lispector levará a cabo em *A paixão segundo G.H.*, romance de 1964, que a consagrará definitivamente nas letras brasileiras. Neste sentido, a leitura de *O lustre* pode ser complementada com a das duas seguintes narrativas, leitura esta que se expande e coloca em evidência a relação estabelecida com o espaço, sendo necessário recorrer ao suporte teórico esclarecedor apresentado por Luis Alberto Brandão (2013). O estudo do espaço narrativo fornecerá elementos importantes para a compreensão da construção poética de Clarice presente em *O lustre*, e que posteriormente se apresentará também em *A cidade sitiada* e em *A maçã no escuro*, não como repetição exata, mas como ressonância, o que permite, ademais, sua ampliação.

A priori, é a própria autora quem coloca em xeque qualquer definição fixa quando se põe a escrever, questionando os conceitos de verdadeiro e aceitável numa narrativa romanesca, criando um estilo próprio. Na crônica publicada em 22 de agosto de 1970 demonstrou tal consciência ao tecer comentários a modo de ensaio breve sobre seu fazer ficcional, considerando sua produção literária até então, o que situa *O lustre* dentro desta sua percepção acerca da escritura:

Bem sei o que é o chamado verdadeiro romance. No entanto, ao lê-lo, com suas tramas de fatos e descrições, sinto-me apenas aborrecida. E quando escrevo não é o clássico romance. No entanto é romance mesmo. Só que o que me guia ao escrevê-lo é sempre um senso de pesquisa e de descoberta. Não, não de sintaxe pela sintaxe em si, mas de sintaxe o mais possível se aproximando do que estou pensando na hora de escrever. Aliás, pensando melhor, nunca ‘escolhi’ linguagem. O que eu fiz, apenas, foi ir me obedecendo. (LISPECTOR, 1999, p. 306)

Em consonância com suas palavras na crônica, a escritora mais tarde transformaria em literatura, de modo prático, seu conceito de romance que não é o clássico romance, mas que é “romance mesmo”. Com o exercício das crônicas, ao tratar de temas diversos, muitas vezes corriqueiros, ora reveladores da realidade social brasileira, sem a preocupação eminente de fornecer detalhes jornalísticos, ora de temas sobre a escrita, a literatura, a arte, ou a vida em si mesma, a escritora se aproximava de seus leitores. De fato, em tom de conversa íntima, de desabafo ou simplesmente dando a impressão de uma troca de palavras amenas entre conhecidos, Clarice exercitou sua

criação literária mais uma vez fugindo a qualquer norma de conceituação rígida de sua escritura. Se mais tarde, em *Água viva*, a personagem narradora diria: “Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais. Estou num estado muito novo e verdadeiro, curioso de si mesmo...” (LISPECTOR, 1980, p. 13), esta foi a culminância de um trabalho que Clarice foi aos poucos desenvolvendo ao longo dos anos. Já presente em seus primeiros romances, a escrita semanal intensificou seu exercício de trânsito entre as diversas formas de concepção literária expressa nas crônicas, empregando temas, reflexões e textos de outros gêneros literários. Escapulindo de qualquer fixidez de definição, entrevistas, contos e trechos de outras formas narrativas foram convertidos no texto destinado ao espaço semanal do jornal, ou o contrário: o que poderia ser uma crônica em sua gênese foi (re)aproveitado e lapidado para originar outro texto. Sem dúvida, Clarice é conhecida como uma escritora que se nutria de si mesma, seja de elementos de sua vida para ficcionalização, tornando-se persona/personagem de seus textos, seja de seus próprios escritos, numa espécie de autoplágio. De fato, seu exercício de escrita se aproxima da idéia da estética da variação, numa poética que demonstra como um texto vivo torna possíveis as variações. Em suma, seu modo de escrita mimetiza uma tensão própria da autora, presente em sua obra aqui estudada na proporção em que vela e revela um ‘dentro’ e um ‘fora’ forçando-se um contra o outro, quer no que diz respeito a elementos de sua vivência/experiência, quer encenados em sua própria escritura. O mundo da vivência exterior torna-se, literariamente, íntimo, interno.

Rastreando o início da definição de uma poética de exílio, *O lustre* pode ser pensado como o primeiro romance de uma trilogia, não de temas e tampouco como seqüência, mas de livros que de alguma forma se coordenam entre si, do ponto de vista da produção do texto, delineando um processo construtivo. Nele se nota a elaboração mais clara da poética que, pautada na linguagem e na experiência/vivência, já está de certo modo presente em *Perto do coração selvagem*, contudo ganha contornos mais definidos no romance de 1946. Posteriormente ao segundo romance, Lispector irá se enveredando ainda mais pela construção de um modo de narrar próprio, experimentando modos outros de expressão que pudessem formalizar sua busca ensaiada em cada narrador. Embora não se constituam como uma complementação propriamente dita de temas, personagens ou enredo, são três obras que podem ser lidas e estudadas como compondo um conjunto, devido a fatores literários e extra-literários, através dos quais a resultante será a constituição de um elemento de ligação determinado tanto pelo lócus

de produção, o espaço alheio e estrangeiro no qual a escritora se encontrava, fora do Brasil e espacialmente longe dos leitores, da crítica e dos amigos e família, como pela idéia de um exílio poético em desenvolvimento e em ampliação, a busca por uma forma de expressão que pudesse exprimir em palavras profundos sentimentos.

A pesquisa feita por Cláudia Nina (2003) já colocou em perspectiva como a produção literária de Clarice entre 1944 e 1959 resultou em obras que “dividem entre si várias características, de acordo com as quais podem ser agrupadas como *narrativas do silêncio* ou *escritos de exílio*” (NINA, 2003, p. 11) e, para seu estudo, o termo exílio não é visto “como punição, mas simplesmente em referência ao sentimento de saudade, ou melhor, de nostalgia, que expressa a separação de um indivíduo de sua pátria, e ainda o desejo de retornar a ela algum dia” (NINA, 2003, p. 11). No entanto, tampouco esta concepção define claramente o (in)certo exílio constituído como poética no texto clariceano, que se inscreve como uma narrativa com repercussões para além do que a pesquisadora chamou de “ciclo do exílio” (NINA, 2003, p. 63). O vocábulo não é usado no texto literário, mas aparece em outros relatos da experiência da escritora, como suas cartas, escritas e entendidas como uma extensão – até certo ponto – de seu fazer literário. Portanto, será na construção narrativa que se notarão as margens de um texto que vela e revela a poética de exílio, quer na possível relação com elementos da experiência, quer na busca pela expressão de um sentimento profundamente arraigado na construção das personagens. O uso dos parênteses no qualificativo *(in)certo* é, ademais, uma opção estilística para quando a referência ao exílio traz à tona o duplo jogo semântico, revelando que a poética em construção permite vislumbrar um *certo* exílio, criação clariceana, literária e poeticamente narrado, e que, ambíguo, nega-se a uma definição precisa.

O período de vivência de Clarice no exterior e as condições de escritura são, sem dúvida, relevantes para pensar sobre a concepção da poética de exílio. *O lustre* se inscreve numa categoria particular de narrativa poética, e seu modo de escritura ajuda a tecer os fios que estabelecem conexões com os outros dois próximos textos. Mas se a estrutura e os narradores de *A cidade sitiada* e *A maçã no escuro* são constituídos num processo literário distinto, não abandonam totalmente o lirismo que impregna a prosa inicial de Clarice, tão peculiarmente caracterizado. Assim, é possível ler as três obras como se compusessem um ciclo de escritura e de uso da linguagem, aprofundando a percepção do ser humano e sua condição no mundo, o que abrirá caminho para o enfrentamento do ser consigo mesmo refletido inesperadamente no outro que ocorrerá

com G. H.. Desta percepção inicial centrada no próprio ser resulta a idéia da condição de exílio.

Para ler a percepção e conseqüente criação – invenção – literária de um exílio em *O lustre*, é preciso notar que a escritura clariceana parte da referência a si mesma, da experiência pessoal, de seu *bios*, uma vez que em seus textos lemos considerações acerca de um certo mal-estar em qualquer lugar, um sentimento de não pertencimento aliado ao desejo de pertencer, e algo semelhante a uma incapacidade de se sentir à vontade, de se sentir em casa, em qualquer lugar, como se tudo pertencesse aos outros, jamais a ela. Essa relação vida/obra é percebida, sugerida, mas sua sutileza reside na forma como a autora escreve, não sua vida, mas possíveis projeções de sua *persona* nas personagens, ou como ensaia no texto distintas formas de narrar. A partir de Virgínia, seguindo com Lucrécia e com Martim, a condição de seres no mundo das personagens dá evidências de uma constante busca, de um retorno, e a construção da obra, revelando ora aspectos das personagens, ora (e até certo ponto) da própria escritora (entremeados pelo que é atribuído à voz narradora, como um desdobramento da autora ou como entidade – ou categoria – à parte, ficcional), compõe uma narrativa de exílio singular, clariceana, que pode ser entendida do ponto de vista filosófico e do cultural; provavelmente mais deste último do que do primeiro, vale destacar.

A relação da autora com o espaço estrangeiro é muitas vezes referida em suas cartas às irmãs e amigos no Brasil, embora uma menção clara à idéia de exílio já seja vista mesmo antes de seu casamento e conseqüente distanciamento do país, o que parece de especial interesse neste estudo, levando em consideração a escrita de *O lustre*, iniciado no Brasil. Cito, como exemplo, uma carta enviada a Lúcio Cardoso, quando Clarice se ausentou do Rio e esteve em Vila Rica, Minas Gerais. Ao pedir ao amigo que “não a considerasse exilada”, a jovem escritora não teria como saber que talvez fosse mais apropriado que acrescentasse ‘ainda’, pois o período posterior resultaria numa experiência aproximada ao exílio imposto (ou autoimposto), que se refletiria em sua literatura, quer nas condições de escrita, quer nas marcas encontradas no próprio texto. Aliás, vale destacar que Clarice Lispector já dispunha de um grande arcabouço de referências culturais acerca da condição de exílio, a ela transmitido como legado familiar, cultural e religioso. A experiência de vida fora do Brasil figura em sua história pessoal como uma forma de repetição, uma espécie de retorno às origens, e uma confrontação com a realidade de uma condição humana intrínseca. Morando no exterior como escritora brasileira já consagrada, sua produção literária foi um trajeto entre

etapas de apatia e a retomada/construção de sua poética e de sua escritura, como se pode constatar através de suas biografias e correspondências; estas, por sua vez, dão mostras das influências percebidas na tessitura dos textos.

Não se trata, porém, de considerar o período do ciclo do exílio, nas palavras de Claudia Nina, como de formação; mas é relevante pensá-lo como determinante de uma situação de produção literária na qual transparece uma idéia de exílio nos textos de Clarice Lispector, que permanecerá latente até a novela *A hora da estrela*. *O lustre* se destaca como o início detectável da poética que começa a ser constituída nos moldes de uma narrativa muito própria da autora, e que se propagará nos dois romances seguintes, com apresentações e dimensões diferenciadas. Portanto, a tese que orienta este trabalho é também uma busca: ler, em *O lustre*, um possível conceito para o exílio entrevisto na obra clariceana, com ressonâncias em *A cidade sitiada* e *A maçã no escuro*, bem como verificar sua importância para a compreensão geral do projeto literário de Clarice Lispector. Para tanto, este trabalho parte da observação e análise das marcas culturais que podem ser rastreadas em seus textos, tomando por base tanto as experiências de outrem (legadas direta ou indiretamente pela família, como seu traço de judeidade), como as vivências pessoais, ocasionadas pelas constantes viagens feitas pela escritora, construindo-se como representação não apenas de uma experiência particular compartilhada com um grupo, mas também de uma *condição* de deslocamento, de abandono de um lugar natal, familiar, imposto por circunstâncias alheias à vontade ou ao controle da escritora ou até mesmo de seus parentes. Sem dúvida, é uma tensão constante que margeia a escritura clariceana, o exterior de seu trabalho literário contraposto à própria linguagem, e o que esta vela ou revela do interno e do externo, do texto e do contexto, de sua criação como trabalho individual e seu legado cultural. É o exílio poeticamente narrado, descrito sob o prisma cultural de seu contexto de vivência, criando uma narrativa poética peculiar.

Considerando os antecedentes que interferem diretamente na história familiar e pessoal da escritora, a ideia de exílio que aqui apresento se constitui a partir de referências e influências que não podem ser apagadas, um construto cultural que pode ser feito e refeito segundo nosso conhecimento dos sedimentos da história e da vida – do *bios* de Clarice, segundo Edgar Nolasco (2008). A leitura pautada na concepção derridiana não desconsidera os elementos de experiência ou de vivência, pois estes podem ser representados através da escritura, com ou sem intenção expressa. Na obra clariceana, fatos de sua vida já foram rastreados em sua ficção, expondo a tensão entre

um dentro e um fora do texto que, a meu ver, se repete na questão da poética de exílio. Sem dúvida não será um conceito consensual, mas não podemos ignorar que a representação de muitos intelectuais da atualidade se constrói de modo semelhante, com base na experiência, o que confere força e expressividade ao homem contemporâneo. Leio, em *O lustre*, uma representação da experiência/vivência que não é preponderantemente ativa, ou exterior, mas passiva, interna, revelando o lugar da intimidade. A poética de exílio é uma experiência estética de uso da linguagem e na linguagem, ainda não abordada claramente na obra de Lispector. De fato, apesar do interesse mais recente da crítica na obra *O lustre*, vale destacar que ainda são relativamente poucos os estudos que se debruçam sobre o romance de 1946. As dissertações ou teses existentes se concentram, sobretudo, em estudos de viés psicanalítico, na construção das personagens com base nas relações espaço-temporais, em como se constroem as relações amorosas na obra, no diálogo entre história, cultura e a representação da sociedade brasileira da época, ou ainda no estudo da construção do narrador e da personagem Virgínia à luz de estudos das estéticas vanguardistas e modernas, como o Impressionismo e o Surrealismo.

Deste modo, o Capítulo 1 será dedicado à análise de como se dá a invenção de um exílio clariceano, retomando aspectos exteriores à sua ficção aqui estudada, mas relatados em textos outros, próprios e alheios, tanto de sua infância como de fatos anteriores a seu nascimento, bem como do período de 16 anos em que esteve fora do Brasil acompanhando o marido diplomata, Mauri Gurgel Valente. Sobre a infância, é relevante o fato de Clarice pertencer a uma família judia, portanto com a herança bem arraigada de uma história de repetidos exílios. Segundo sua biografia, a mais nova dos Lispector nasceu em meio à marcha para o exílio (ou diáspora, como dispersão, embora ao mesmo tempo fosse uma marcha para uma nova terra, uma ‘terra prometida’), realizada por seus pais e irmãs mais velhas. A família se lançara em uma peregrinação em busca de um lugar para se restabelecer, fugindo de uma vida difícil na Ucrânia, imposta pela guerra e pela perseguição aos judeus no período pós Primeira Guerra Mundial. Parte dos fatos reais da fuga da família se tornaria matéria ficcional para Elisa Lispector, a mais velha das filhas, no romance *No exílio*, publicado em 1948.

Quando adulta, para a Clarice escritora, distanciada do país e da língua reconhecidos como seus, permanecia a impressão de estar em terra de outros, em terra alheia, como relatou em suas cartas. Na leitura de sua correspondência, a sensação de exílio e descontentamento flutua por entre as notícias corriqueiras enviadas a parentes e

amigos. Desta feita, parte da correspondência pessoal de Lispector será mencionada como um texto suporte tanto para a leitura do texto literário do segundo romance quanto para identificar elementos reveladores da poética de exílio em construção neste período. Neste respeito, a idéia de exílio como afastamento e castigo ou punição é emblemática para nossos estudos, mas é apenas um dos significados que o termo pode assumir, o que torna incerta uma estrita definição. Será, no entanto, um ponto de partida, e dará margem para pensar o que considero este (in)certo exílio em Clarice, e como se dá essa sua invenção literária com desdobramentos na elaboração de algumas de suas obras. Maria José de Queiroz, em seu livro *Os Males da ausência ou A literatura do exílio* (1998), usa uma epígrafe inicial referente a Dante e sua condição que lança luz sobre a questão do exílio em sua relação com penas e castigos, dilacerante na ruptura do homem com o espaço geográfico, cultural e social conhecido:

Quando Dante atravessava Verona, o povo apontava-o com o dedo e segredava: 'Ele está no inferno'. E como poderia ele, de fato, sem aí viver, descrever-lhe todos os tormentos? Ele não os tirara da sua imaginação, ele os vivera, experimentara, vira e sentira. Ele estava de verdade no inferno, na cidade dos condenados: ele estava no exílio. (QUEIROZ, 1998.)

Estar no inferno era vivenciar as dores do exílio e os males causados pela ausência, pela ruptura com o local de reconhecimento e de origem. Sinônimo de tormento, tal condição remete à negação da liberdade de ir e vir, da satisfação relativa à escolha de um lugar para viver, agir e interagir sem a sombra da perseguição, do cerceamento ou do risco de perda da vida. Usando a base desta primeira concepção aliada às experiências que direta ou indiretamente marcam a trajetória de vida de Clarice Lispector e sua família, entendo o exílio clariceano como invenção poética em suas obras, uma expressão do que profundamente se sente enquanto ser em seus aspectos cultural e universal. Sendo uma indagação acerca do próprio homem e seu estar no mundo, refere-se e reforça o sentimento ancestral e insuperável da perda e da ausência, dos quais pode advir a incômoda sensação de deslocamento, de fora de lugar, de incessante busca. Em minha leitura, procuro demonstrar que a personagem Virgínia, de *O lustre*, dá mostras de como Clarice mimetiza, em sua literatura, essa percepção inicial da condição exílica. Ao lê-lo como o início da construção de uma poética, evidencia-se como as obras seguintes darão continuidade a seu desenvolvimento, abarcando outras facetas da condição exílica do homem. De fato, a concepção ocidental de humanidade, *grosso modo*, é atravessada pelo estigma da expulsão, da adaptação e da

busca, desde a concepção de base religiosa do Éden perdido, segundo a qual os primeiros humanos a nascer já estariam em território e condição de exílio, *vítimas* da expulsão dos pais. Desta feita, no decorrer da história da humanidade, patriarcas e sociedades repetidas vezes estavam obrigadas a deslocamentos exílicos constantes.

Certos paralelos tecem as linhas de um diálogo entre a obra de Clarice Lispector e aspectos da história judaica que certamente a escritora conheceu. Do ponto de vista dos Estudos Culturais e da crítica biográfica em especial (cf. CEVASCO, 2003; SOUZA, 2002; NOLASCO, 2009), uma análise da vida pessoal da escritora pode revelar como algumas marcas se convertem em pano de fundo de seus textos, ou matéria para ficcionalização. Não é o caso de considerar que a escritura clariceana seja simplesmente uma reprodução de tudo o que aconteceu em sua vida, a modo de autobiografia/biografismo; tampouco de considerar tais elementos pautados em vivência pessoal acima do próprio texto. No entanto, são elementos que ajudam a interpretar o texto com base na instância de sua produção, considerando os condicionantes e as tensões que o tornam mais inteligível. É relevante, portanto, que Clarice fosse judia, com laços estreitos com um povo que vivenciou vários exílios e diásporas, voluntários ou impostos. Sua própria família imediata passou por semelhante experiência, embora a escritora fosse um bebê na época. De qualquer modo, Clarice inscreve-se na lista de autores que pessoalmente enfrentaram alguma forma de exílio, e essa experiência fornece outros relatos de exílio que servem de referência para seu fazer ficcional. Os deslocamentos geográficos marcaram estes escritores de tal forma que talvez não tivessem escrito o que escreveram sem essa experiência de ruptura com seu local de origem, ou pelo menos não da maneira como escreveram. De fato, Clarice certa vez colocou em evidência como as experiências são relevantes para um escritor, até certo ponto determinando ou alterando sua forma de escrever. Em crônica de 14 de novembro de 1970, considerou:

O que não será jamais elucidado é o meu destino. Se minha família tivesse optado pelos Estados Unidos, eu teria sido escritora? em inglês, naturalmente, se fosse. Teria casado provavelmente com um americano e teria filhos americanos. E minha vida seria inteiramente outra. Escreveria sobre o quê? O que é que amaria? Seria de que Partido? Que gênero de amigos teria? Mistério. (LISPECTOR, 1999, p. 320)

Usando elementos de sua vivência, mas sobretudo buscando traduzir a *experiência*, tanto sua, individual, como a de grupos, o que em última instância é a escritura ficcional da experiência do *indivíduo*, em sentido universal, o texto clariceano

apresenta a marca da relação homem/espço, além da relação com o outro, também pautada nas questões que o espaço traz à tona. Por isso o diálogo com a ideia de exílio, pois esta, em si, remete a uma violência: ser exilado é ser retirado de um lugar e sofrer um desenraizamento imposto que desencadeia uma série de reações, muitas das quais adversas, conduzindo à desterritorialização, o que nos remete ao conceito que, de acordo com Gilles Deleuze e Felix Guattari (1997), permanece vago se não estiver relacionado a outros três elementos, a saber, território, terra e reterritorialização (em suma, o conjunto forma o conceito de ritornelo). Nas intrincadas manifestações e rupturas decorrentes de um movimento, está presente uma idéia de trajeto, de mudança de território (desterritorialização relativa), de devir que apreende o problema da reterritorialização (a nova terra, sempre por vir e a ser construída, oposta à terra ancestral, confundindo simbolicamente a ideia de *terra prometida*), ou desterritorialização absoluta, de fuga, de vivência no espaço liso do nomadismo.

Assim, ‘desterritorializar’ se constrói como um momento do desejo e do pensamento, ao passo que as idéias agregadas de território e reterritorialização também o são. No decorrer da construção do sentido dos termos, a fixidez da relação passiva com o território passa a constituir uma marca de domínio, de permanência, não de um sujeito; o território, sob a insígnia do desejo e do pensamento, designa uma relação de apropriação ou de propriedade que, concomitantemente, marcará a relação de distância em que consiste toda identificação subjetiva: como desejo, o ter se torna mais profundo do que o ser. O nome próprio e o eu só assumem sentido em função de um ‘meu’ ou de um ‘minha casa’. Na desterritorialização, o ‘des’ se converte no movimento pelo qual se deixa o território, e é válido analisar as implicações diretas e indiretas desse movimento em sua relação com o desejo e a eleição de território e de reterritorialização na ficção clariceana, seja em sentido literal, geográfico, seja em questões de ordem mais simbólica e figurativa (por exemplo, a idéia de corpo como território que aparece em *O lustre*, tanto na mãe como na personagem Virgínia).

Com base na noção do movimento de saída de um espaço, deixá-lo, abandoná-lo ou dele ser expulso, bem como das relações subjetivas ali estabelecidas, a violência da ruptura pode ser mais brutal ou mais sutil, o que não retira seu aspecto violador de algo intrínseco, natural, ao ser. Desenraizar, ou desarraigar, em seu sentido mais literal, implica privar de sustento e amparo, ainda que momentaneamente. Segundo o que se pode depreender das considerações de Mario Eduardo Costa Pereira (1999), a privação ocasionada pelo desamparo revela a condição de fragilidade fundamental do indivíduo,

correlativa da inexistência de garantias e da possibilidade sempre presente de instauração do traumático, acentuada nos casos de desenraizamento e desterritorialização violenta e abrupta (como violação ou privação de desejos). As perdas podem ser irreparáveis; o exigido processo de readaptação, para garantir a sobrevivência, pode limitar as realizações do indivíduo exilado, embora também possa servir de mola propulsora para maiores consecuições.

A outra face da ideia de exílio, a saída da terra natal e conhecida para um outro lugar por necessidade imposta por condições adversas, para garantir a sobrevivência, gera consequências semelhantes em muitos casos. Se as migrações não são um fenômeno exatamente atual, não surpreende que textos mais antigos contenham narrações de eventos similares, tais como os encontrados nos relatos bíblicos, ajudando a identificar as raízes de uma tradição cultural repassada à família Lispector; nestes, há uma espécie de gradação das consequências da experiência, das relativamente positivas às claramente negativas.

A “condição de perda terminal” da experiência de um exilado, conforme considera Edward Said (2003), em geral resultante da forma clássica e tradicional de exílio, ou seja, a violência da ruptura imposta por razões políticas, sociais ou econômicas, não é evidente em Clarice Lispector. Como foi considerada uma escritora pouco engajada e não foi vista em muitas manifestações de protesto com outros artistas e intelectuais, tampouco sofreu perseguição política. Economicamente, desde jovem ou já adulta qualquer diáspora que empreendeu não teve causas tão dramáticas, limitando-se aos problemas que uma família pobre enfrentava no Brasil entre os anos 1920 e 1940, entre o espaço geográfico do Nordeste (Maceió e Recife) ao Rio de Janeiro. Além disso, comumente se julga difícil considerar exílio uma consequência direta de decisões familiares (quando ainda estava por nascer) ou pessoais (casar-se com um diplomata que obviamente deveria atuar fora do Brasil).

No entanto, todas as implicações das decisões tomadas, sem dúvida impostas pelos condicionantes sociais, resultaram em consequências indesejadas, que lhe impuseram com violência uma condição de perda em ambos os casos, sentida em toda sua plenitude ao longo dos anos, durante o tempo em que tentou sua naturalização brasileira, e principalmente enquanto esteve fora do Brasil. No contexto das décadas de 1940, 1950 e 1960 no Brasil, à mulher escritora por fim pareceu necessária uma ruptura definitiva com o marido, do ponto de vista da instituição familiar, para regressar ao país e à língua que amava. Clarice Lispector regressou sozinha, mesmo sabendo que

precisaria lidar com sua nova situação de mulher separada que precisaria trabalhar para se sustentar. Entendo, portanto, que o ato violento inicial que afasta um indivíduo de seu lugar de origem foi sutil no caso da escritora, mas suas conseqüências são notadas, e talvez até mesmo seu poder de aniquilamento, conforme as considerações de Said, foi pouco abrandado, resultando em efeitos que a acompanharam por toda sua vida, inclusive sua vida literária. Sua escritura neste período, enquanto vivia no exterior, dá mostras de tais marcas. As cartas revelam os aspectos reais de sua experiência de exílio no exterior, ao passo que os romances encenam tal condição no âmbito mais profundamente arraigado do ser universal, seja através da personagem feminina em sua relação com o espaço urbano da cidade sitiada – o sítio como etapa anterior ao exílio, dentro ou fora da urbe –, ou da personagem masculina em sua busca pessoal de um exílio como afastamento.

Dessa forma, autora e obra parecem constituir-se sobre um sólido fundamento de contradições que remetem diretamente a uma condição de entre-lugar (cf. SANTIAGO, 2000), um desajuste com o lugar de origem, deixado atrás, e o novo lugar de permanência momentânea. Nascida em outro país, mesmo aprendendo, conforme afirma, o português como língua materna, apagando qualquer referência a outra língua que porventura tenha sido falada em casa, como o ídiche¹, sua naturalização brasileira somente seria concedida em 1943 (precisamente em 12 de janeiro deste ano, segundo GOTLIB, 2004, p. 14). Até então, a jovem vivera como estrangeira no Brasil; difícil saber se, verdadeiramente, Clarice Lispector não se sentia dessa forma. Afinal, a reafirmação constante de sua nacionalidade pode ser compreendida como uma *reafirmação pessoal*, mais para si mesma do que para os outros; num intento inconsciente, a repetição serviria para tornar real algo que perigosamente a colocava no território pouco estável dos exilados.

Por outro lado, traços biográficos claros de uma experiência de deslocamento, exílio e diáspora estarão presentes de modo explícito no romance *No exílio*, de Elisa Lispector, publicado em 1948. A obra constará neste primeiro capítulo para estabelecer um paralelo entre a clara referência de Elisa e a tensão notada no texto clariceano. Com

¹ Para Berta Waldman, quando Clarice Lispector afirma categoricamente que sua primeira língua foi o português e que qualquer aproximação ao possível uso de outro idioma devido a seu modo de falar seria errôneo, pois se deve ao fato de ter a língua presa, a escritora comete “uma imprecisão. A primeira língua que ouviu foi o ídiche, pois seus pais não provinham de uma capital européia e sim de um *shtetl*, onde os judeus falavam esse idioma e não o russo. Se sua primeira língua falada foi o português é difícil saber, mas tudo indica que, como seus pais eram falantes do ídiche, a menina tenha sido iniciada em dois sistemas lingüísticos simultaneamente. Um deles ela calou” (WALDMAN, 2003, p. XXV).

estilo de escritura muito diferente do realizado por sua irmã Clarice, e mais próxima da escrita autobiográfica, em *No exílio* aparecem retratados o drama e a trajetória de uma família, que poderia ser a dos Lispector, junto a tantas outras famílias de migrantes, durante o processo de diáspora ao deixar atrás sua terra natal em busca de um outro lugar para se estabelecer. Ademais, também a pesquisadora Nádia Battella Gotlib soube reunir elementos visuais interessantes em seu *Clarice Fotobiografia* (2009), cujo primeiro capítulo intitula-se “Da Ucrânia ao Brasil: em exílio”, registrando as raízes russas, ucranianas e judaicas da família em seu percurso de errância e fuga, entremeadas de citações de ambas as escritoras, o que converte o trabalho de Gotlib em importante referência para compor o pano de fundo da experiência pessoal de Clarice Lispector, de certo modo empregada na criação poética do exílio em suas obras.

A narrativa de Elisa tem início com a jovem personagem Lizza viajando de trem, já adulta, quando em uma determinada estação ouve um vendedor de jornal anunciar a inquietante notícia a respeito dos judeus e da criação do Estado de Israel. A partir de então, suas memórias conduzem aos eventos passados durante o longo caminho dos exilados em busca de uma nova terra. De modo análogo à ficção da filha mais velha, a família Lispector, judia, agrega em si este traço de judeidade e diáspora, numa espécie de ressonância e experiência herdada e compartilhada (cf. FUKS, 2000; MEZAN, 1995), e é notório como marcará a produção literária de Clarice e sua própria representação de si como intelectual, de um modo que agudiza a comumente denominada “condição de estrangeiro” que se percebe na autora e em seus escritos. Afinal, a obra de Clarice Lispector convida à leitura do tecido subjacente de sua vida como matéria para sua narrativa, para sua poética, como outro texto que se interpõe e amplia a compreensão de sua obra. Porém, é relevante pensar o grau de influência que esta experiência exerceu sobre sua obra, para melhor compreender seu projeto literário, que culmina (talvez não de modo deliberado, pois foi abreviado por sua morte prematura) com uma personagem retirante, migrante, inadaptada, como uma exilada apartada de suas raízes ou qualquer outro referencial com seu local de origem: Macabéia, a nordestina que flana, que se desloca pela cidade do Rio de Janeiro, toda feita contra ela, completando seu movimento diaspórico, iniciado no Nordeste. De modo que considerar outros escritos de Clarice ajuda a lançar luz sobre seu processo de escritura, tais como contos, crônicas e cartas enviadas a amigos e parentes no Brasil, durante os anos fora do país, bem como os textos escritos aqui após seu regresso.

O segundo capítulo tratará mais especificamente sobre como Clarice Lispector concebe e narra o exílio em uma prosa própria. No diálogo entre sua literatura propriamente dita e aspectos relevantes que concorrem para sua opção pela escrita, alguns dados precisam ser pontuados. Clarice Lispector encena literalmente em seu nascimento a essência impertinente do ser humano, segundo Helio Pellegrino (1986). Nascer é iniciar um exílio devido ao abandono do aconchego do lar de concepção e formação enquanto ser humano. A primeira experiência de derrelição é uma expulsão, portanto traumática. O sujeito se vê jogado num mundo indecifrável, exposto ao desamparo primário de insuficiência psicomotora e linguística, que o tornam dependente (PEREIRA, 1999). O nascimento da mais nova dos Lispector se dá em plena marcha, situação na qual falta até mesmo o amparo físico de um lar, num lugar que não é nada mais do que um espaço transitório, reforçando a impertinência. Uma ausência se instaura, ocasionada por múltiplos fatores; em vez de sanada, irá se transformando para se repetir. Radicada com a família no Brasil, Clarice encontrará sua forma de expressão na língua portuguesa. A escritora revela em suas crônicas o vínculo com o idioma: “fiz da língua portuguesa minha vida interior, o meu pensamento mais íntimo” (LISPECTOR, 1999, p. 320), e assim podia “pertencer um pouco a mim mesma” (LISPECTOR, 1999, p. 110). Estabelecer a relação com a língua foi uma apropriação de uma língua reconhecida como materna e de si mesma como pertencente a algum lugar. Segundo Gilberto Martins, por meio da escrita e da criação, a territorialização, este pertencimento, parece garantido, pelo menos temporariamente (MARTINS, 2010, p. 16, 17). Nem a própria Clarice nem outros de seu convívio questionavam o vínculo estabelecido via língua/linguagem.

Deste modo, o capítulo versará sobre como se constrói a poética de exílio na narrativa clariceana, tanto pautada no traço cultural de sua judeidade quanto em sua forma de expressão poético-narrativa. Em sua obra, a idéia de exílio é uma invenção literária, desde a perspectiva da autora, perpassada pela noção/invenção/reinvenção da relação do sujeito com o espaço e em pleno diálogo, muitas vezes omitido ou pouco explícito, com a dimensão cultural que o termo agrega em si. Esta dimensão ganha relevância em minha leitura. De fato, o movimento requerido pelo nomadismo evidencia o espaço físico, geográfico, de certo modo elevado à categoria de personagem. Se em *O lustre* tal relação ainda aparece embrionária e não totalmente explícita, em *A cidade sitiada* está às claras; já em *A maçã no escuro*, o personagem masculino se faz na exata medida de sua interação com o espaço por onde se move, quer

o descampado, quer a fazenda, ou o espaço abandonado e de retorno, na cidade, pelos quais sua busca pela linguagem o obriga a peregrinar. Para pintar um pano de fundo, vale ressaltar o modo como, entre a diáspora e o exílio, a experiência de indivíduos e de grupos se repete ao longo da história; este retorno também ecoa na ficção de Lispector.

Do ponto de vista da conceituação, a diáspora é a dispersão de povos por motivos políticos ou religiosos, por perseguição de grupos dominantes intolerantes, o que fica bastante claro em narrativas como *No Exílio*, de Elisa Lispector. De modo análogo, entendo o exílio como expatriação forçada ou voluntária, degredo, desterro, o lugar onde o exilado reside, em seu sentido literal; quanto ao sentido figurado, refere-se à idéia de lugar desagradável de habitar, ou o lugar que não se sente, propriamente, seu. O primeiro vocábulo se enquadra na narrativa da questão judaica, primariamente no que tange ao povo como um todo, em busca de sua terra, dela saindo ou para ela retornando, e se irradia para os movimentos mais familiares ou individualizados.

Do ponto de vista histórico-cultural, vários eventos obrigaram povos como os judeus a empreender a diáspora ou os fizeram enfrentar o exílio. Em épocas mais recentes, um sistema intolerante espalhado pela Europa resultou em um dos mais emblemáticos e cruéis ataques ao povo judeu, e nova diáspora foi necessária, incluída aquela empreendida pela família Lispector, conduzindo-os ao exílio, conforme ficcionalizado por Elisa. Esta trajetória diaspórica, porém, repercute de outras formas na história desta família, e se torna até mesmo um traço identificador, mesmo depois de já estabelecida no Brasil. Os reflexos se fazem presentes, como uma espécie de perpetuação, na obra de Clarice Lispector, permitindo-lhe utilizá-los como matéria para invenção ficcional. Sem dúvida, os enigmas da condição humana, mesmo ficcionalizados, atestam a busca pela resposta na repetição do enigma, algo perseguido por Lispector, negando-lhe a simplicidade.

Como já mencionado, a obra de Clarice Lispector constrói uma trajetória exílica poeticamente narrada, na qual percebemos de início uma certa repetição da experiência diaspórica compartilhada, seja com grupos específicos, seja como traço definidor da condição humana em um constante devir. Tal trajetória pode ser lida através dos textos clariceanos, e é da mesma forma reveladora da condição exílica para além da experiência pessoal da escritora e de sua família, embora a use como base para sua ficcionalização, mais ampla e abrangente a ponto de expor a situação humana de exílio em suas distintas formas. Repletos de imagens, os textos convidam ao olhar, mas de modo particular; ler Clarice, sobretudo *O lustre* e, diria, também os próximos dois

romances, de 1949 e 1961, requer um olhar inquieto, nômade, porque resistente à fixidez de chaves de leitura, em trânsito constante por entre conceituações mais abertas e abrangentes de gênero, forma, temas.

Teoricamente, tal olhar nômade transita livremente por entre a literatura e a cultura, o texto literário e o tecido do vivido, vagueando também por outras áreas do saber humano, como a filosofia; entretanto, não é raso de teoria ou de crítica, e nem poderia sê-lo. Antes, trata-se de um olhar atento às mediações culturais e seu impacto sobre o fazer literário, e ambiciona a resistência e a ruptura com a fixidez de gêneros, teorias e conceitos; o olhar que vagueia e enxerga mundo e homem ora daqui, ora de acolá, sob prismas – óculos – culturais que apreendem o movimento diversificado das imagens que vão compondo a idéia clariceana de exílio. Nômade como a escritora precisou ser, como sua escritura se tornou em sua riqueza imagética, em suas inúmeras possibilidades de uso e construção da linguagem, na qual se refugia e a um só tempo é seu ponto de partida e de chegada. Sem dúvida, ler Clarice exige colocar no horizonte de leituras seus vários textos, que de certa forma se repetem e se complementam, num processo de autoplágio ou de recriação, de transposição do texto em seu nomadismo, em sua inquietude².

Eurídice Figueiredo, em *Conceitos sobre Literatura e Cultura* (2005), citando Walter Mignolo, diz que as teorias viajam e reestruturam-se, pois ao chegarem a lugares diferentes, são transformadas. Roberto Schwarz (1977) já havia discutido algo semelhante em “As idéias fora do lugar”, e em “O entre-lugar do discurso latino-americano”, Silviano Santiago (2000) versa sobre como um escritor trabalha sobre outro texto, um texto alheio, brincando com os signos de outro escritor, de outra obra. Teoria e literatura são, assim, o resultado de um ir e vir constante, um território ainda a ser totalmente desvendado e sempre às voltas com essa impossibilidade de totalidade, devido à sua mobilidade. Como viajam tanto pelo espaço como pelo tempo, as teorias mais recentes lançam nova luz sobre os estudos de literatura, mesmo os que já possuem vasta fortuna crítica, como é o caso da autora em foco. Portanto, é pertinente analisar como as novas perspectivas teóricas permitem outro olhar, uma necessária (re)leitura sobre a obra de Clarice Lispector, escritora essencial da literatura brasileira. O

² Apenas para ilustrar o exposto, podemos perceber como Clarice escreve crônicas e depois as reescreve ou republica como contos, ou vice-versa, e como idéias e imagens nos romances são retomadas/reaproveitadas em sua carga poética e narrativa em outras obras. *Martim* e *Macabéa* se deparam com a referência, nesta metafórica, simbólica, e naquele literal, de asfixiar um passarinho; o espelho é objeto/imagem recorrente; há ainda personagens que precisam de algo/alguém como conexão com o mundo, etc.

nomadismo do olhar, que já não se quer fixo, se alia ao teórico, esgarçando os limites antes tão rígidos para apresentá-los móveis e em mutação. De formação cultural e religiosa judaica, parece haver um diálogo constante de sua obra com a história dos judeus, conforme reconhecem alguns estudiosos e conforme as relações que já estabelecemos. Nelson H. Vieira, por exemplo, em 1988 escreveu no *Zero Hora*, jornal do Rio Grande do Sul (artigo depois republicado na revista *Remate de Males*):

Apesar de Clarice Lispector ser judia, ela nunca quis ser considerada como uma escritora judia nem aderiu à comunidade judaica no Brasil. (...) Ela não negava ser judia, mas como escritora desejava ser conhecida como brasileira. (...) a obra de Clarice Lispector é um testamento ao seu calibre nacional, internacional e modernista como escritora que aproveitava de tudo ou adaptava aquilo que pudesse ser investido na criação de sua prosa original. Deste ponto de vista, nota-se através de sua linguagem mística e espiritual mais o seu interesse por uma temática evocativa da Bíblia, sobretudo o antigo Testamento, uma certa afinidade com a literatura e a cultura hebraica. O seu emprego de mitos judaicos reflete também uma intuição com a cultura e o pensamento hebraico.

Era muito provável que ela tivesse aprendido muito da cultura judaica do seu pai, que lia diariamente a Bíblia. Esta narrativa revela o tom bíblico e irônico, lembrando a ideologia de questionamento que se relaciona com o pensamento da herança hebraica. (VIEIRA, 1989, p. 207, 208)

Vieira concentra seus comentários em como tal influência é mais evidente em *A hora da estrela*, a narrativa à qual se refere no trecho citado. Para ela, a novela está “repleta de tom e filosofia judaicas”, e “parece ser um tipo de resposta ou um testamento ao seu implícito judaísmo” (VIEIRA, 1989, p. 207). No entanto, as considerações também servem de ponto de apoio para pensar sobre como as marcas deste conhecimento religioso e de outros conhecimentos culturais podem ser analisadas à luz da crítica biográfica, de modo dialógico e transitório: não apenas na relação vida/obra, mas na relação obra/vida, ou seja, no movimento duplo de conhecimento e construção do entendimento da obra da autora através de sua vida, bem como de sua vida através da obra. Neste respeito, também Gilda Salem Szklo (1989) e Berta Waldman (2003) pesquisam aspectos da ‘judeidade’ de Clarice presentes em seus textos. Szklo trata do conto “O búfalo”, para estabelecer relações com a herança mística judaica, ao passo que Waldman, com mais detalhamento, busca os rastros e refaz os passos de Clarice por entre toda a cultura e o legado judaico que chegaram até ela, identificando as marcas (claras ou sutis) deste diálogo com o judaísmo no conjunto da

literatura clariceana³. De suas importantes pesquisas e conclusões, neste momento convém destacar que, se na cultura judaica o elemento fundamental e central é a “ordem significante da linguagem” (pautada no texto sagrado), acima tanto da ordem interpretativa quanto da ordem do significado, cujo campo pode ser infinitamente multiplicado (cf. WALDMAN, 2003, p. 3 – 45), Clarice Lispector pode dialogar com essa tradição ao se lançar em seu trabalho com a linguagem, uma tentativa de desvendar/revelar a palavra, representar o inominável, o absoluto. Assim fazendo, a autora deixa entrever, novamente, a tensão de sua literatura que deseja desvencilhar de uma herança ao mesmo tempo que reelabora vários aspectos de sua judeidade. Para Waldman, Clarice “opera seu judaísmo tentando se desenlaçar dele”, conforme explicita:

curiosamente, seus textos tem a marca dessa mesma operação, deixando-se mover por deslocamentos. Dubitativa e errática, sua linguagem busca aproximar-se da nebulosidade do que não tem nome, do que não pode ser representado, o que a obriga a retornar, perfazendo o movimento tão familiar aos comentadores exegetas das Escrituras enlaçados no vazio e na impronunciabilidade do nome de Deus. (WALDMAN, 2003, p. 28, 29)

Sem dúvida, os textos de Clarice revelam seu conhecimento de textos religiosos, de textos bíblicos e da tradição oral judaica. Seu trabalho de linguagem revela uma inquietação expressa nas personagens, e tampouco seus leitores passam incólumes. E em sua relação com a escritura, elementos de vivência parecem se imiscuir em seus textos. Talvez este seja o ponto mais significativo, entender como a obra lança luz sobre a escritora, nos moldes da já citada ideia de que as obras respondem pelos exilados. Falo, portanto, da criação de uma escritura nômade e errática por uma mulher escritora que, herdeira de uma tradição pautada no exílio como experiência, inicialmente desenvolve em *O lustre* a possibilidade de um entendimento do próprio homem como um ser exilado, lidando com a falta, com a ausência e com o espaço. Por outro lado, as obras subseqüentes já serão produzidas no contexto mais específico de uma autora que vivenciou o afastamento de seu país e de sua língua por dezesseis anos, nos quais transitou por lares literais provisórios, tão incertos quanto as designações de trabalho de seu marido diplomata. Paralelamente, ao passo que surgem novas exigências de leitura sob a insígnia do nomadismo temporal a que nos vemos submetidos, a possibilidade de ler um nomadismo também nas teorias e conceitos que permitem compreender a escrita

³ Como vieira, Waldman procede seu estudo da obra de Lispector dentro de um contexto maior, o da literatura judaica no Brasil.

clariceana dá um vislumbre da linguagem nômade de seus textos, visto ser esta ponto de partida e de chegada de sua criação literária. Seu traço de judeidade mais marcante, porém, não está pautado na repetição da experiência efetuada por sua ida para fora do Brasil, mas sim na criação literária de sua poética de exílio.

A questão da diáspora pode ser relevante para a configuração desse modo não fixo de olhar, ao passo que de modo mais amplo pode, também, ser estendida para além de um povo específico e se repete de vários modos ao longo da história da humanidade. Como traço não exatamente distintivo, mas até o ponto de se tornar identificador, a diáspora marca o povo judeu, embora também o faça com outros povos, mesmo na atualidade. Como ponto de partida para sua compreensão e relevância na escritura clariceana, parece-me necessário seguir o caminho apontado por Stuart Hall e pensar a diáspora refletindo sobre a terra no e do exterior, considerando como tal reflexão parece delineada na escritura de Clarice, quer como influência cultural, quer como elemento constitutivo de seu texto, como ação das personagens, desde Virgínia, mas que se repete em Lucrécia e em Martim. Paralelamente, também parece necessário considerar as idéias de desterritorialização e reterritorialização. Sem dúvida, devemos hoje repensá-las, posto que agora já as repensamos, bem como ao exílio, desde outro tempo, atravessados que estão (e que estamos) pelas marcas do tempo decorrido – desde um futuro que nos permite voltar os olhos para o passado – e reconstruí-lo, considerando o que veio depois. Sem dúvida, temos em mãos um aparato teórico que nos permite explicar com as ideias e as teorias de hoje o que foi poeticamente narrado no passado.

Estar longe do Brasil provavelmente era para Clarice Lispector um exílio (in)voluntário, uma contradição entre seus desejos e anseios de mulher escritora e seu desejo como mulher que optou por constituir família ao lado de Maury Gurgel Valente, um diplomata. Tais contradições são bastante relevantes para pensar o projeto intelectual de Clarice, para compreender boa parte de sua obra, bem como para (re)pensar narrativas atuais perpassadas pelos movimentos migratórios que sempre existiram na história da humanidade, e se acentuaram nos últimos séculos. Mesmo indiretamente, portanto, a escritora, como intelectual, fornece uma base para reflexões sobre a produção cultural oriunda dos movimentos de deslocamento, que poderiam ser suscitadas, por exemplo, em obras como *A hora da estrela*⁴.

⁴ Dentre a produção cultural mencionada, encontram-se as chamadas literaturas migrantes, dando margem à ideia de transculturação narrativa. O conceito é utilizado pelo crítico uruguaio Angel Rama (1982) a partir da apropriação do sentido de transculturação definido por Fernando Ortiz (1940). Ortiz,

Efetivamente, muito se destaca o quão enigmático pode ser o texto clariceano ou o quão solitária a escritora se encontrava em nossas letras; por outro lado, também se notam em sua escritura, na composição de seus textos e de suas personagens, solidão e enigma que remetem a este território desconhecido, o exílio, por serem dele oriundas, apresentando-se repetidas vezes em seus textos. De modos diferentes, estas marcas se fazem presentes e se repetem em *O lustre* e em seus livros escritos em território estrangeiro; portanto, até certo ponto – o ponto do limite da relação vida/obra –, essas narrativas podem ser lidas como externando uma sensação de solidão exílica intrinsecamente humana, extrapolando a experiência pessoal, que não é unicamente da autora, tampouco totalmente alheia, percebida desde antes do interstício entre o exílio e a diáspora que marcaram sua vida de escritora entre os anos de 1940 e 1960. Parece apropriado pensar, no entanto, que, embora o período literal de tempo que Clarice Lispector vivenciou o exílio e passou pela experiência da diáspora tenha sido de quase dezesseis anos, de 1944 a 1959, as marcas deste deslocamento são ainda visíveis por toda sua vida literária, culminando em *A hora da estrela*, novela escrita em 1976/77. Um olhar enviesado para seu projeto literário será de auxílio para os estudos contemporâneos ao delinear as formas como a escritora ou suas obras/personagens dão indícios de uma literatura entendida também como representação e auto-representação de grupos sociais marginalizados e seu lócus enunciativo, representações estas atravessadas por práticas culturais diversas, em mutação, num processo contínuo de múltiplas e mútuas interferências.

Assim, os capítulos três e quatro se complementarão para definir uma poética e um estilo de escrita de exílio como condição humana, apresentada nas personagens, sob o prisma da literatura de Clarice Lispector, sendo, portanto, invenção clariceana. O

crítico cubano dedicado à reflexão acerca do fenômeno da mestiçagem em seu país, concebe a transculturação como um processo (uma espécie de percurso) dinâmico de transição de uma cultura a outra, com suas perdas e desligamentos, por um lado, ao passo que, por outro, novos processos e fenômenos culturais são criados (aculturação, desculturação, neoculturação). Já o conceito de transculturação narrativa surge quando o sentido inicial, antropológico e cultural, é transposto para as obras literárias, nas quais três operações são fundamentais, além das perdas, seleções, assimilações e redescobertas simultâneas, remanejadas culturalmente: o uso da língua, a estruturação literária e a cosmovisão (cf. REIS, 2010, p. 465 – 488). De fato, não é isso o que Clarice faz em sua literatura, mas o elemento cultural presente, assim como as ideias de percurso e deslocamento, *grosso modo*, dialogam com a figura do escritor personagem Rodrigo S. M. que decide transformar em literatura as peripécias da protagonista Macabéa, às voltas com seus problemas de adaptação a uma cidade culturalmente diferente e repleta de elementos de uma cultura estrangeira dominante, além de criar o intertexto com o texto bíblico referente ao povo guerreiro macabeu e sua revolta contra a dominação dos exércitos helênicos. Assim, de certo modo, a literatura de Clarice coloca estas questões em perspectiva em *A hora da estrela*, mesmo que apenas como leve referência.

terceiro capítulo apresentará minha leitura de *O lustre*, iniciando um percurso a partir das cartas de Clarice Lispector, vendo-as como documento importante para lançar luz sobre as impressões da autora sobre seu próprio trabalho e sobre aspectos de sua permanência longe do Brasil, para em seguida tratar do texto mais especificamente. Este capítulo assenta as bases para o entendimento de um estilo poético-narrativo capaz de constituir um mosaico com as variadas facetas da condição exílica percebida/representada por meio das personagens. Neste ponto, a interação com o espaço ganha relevância, conforme se poderá ver através do texto: o espaço se desenha e é redesenhado como uma faceta da exteriorização da condição exílica do indivíduo, mimetizado na ficção e/ou fora dela. A análise de *O lustre* é o precedente para uma leitura similar, reconhecendo um certo movimento repetitivo, que ressoará em *A cidade sitiada* e em *A maçã no escuro*. Os protagonistas Virgínia, Martim e Lucrécia representam distintas facetas da relação ser/exílio/espaço; estes dois últimos romances são totalmente concebidos em território estrangeiro, sofrendo as possíveis influências da vivência da autora.

Logo após iniciar definitivamente sua vida literária com a publicação de seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, em 1943 (relembramos que já havia publicado alguns contos e artigos), muito bem recebido pela crítica⁵, Clarice Lispector viu-se obrigada a deixar o Brasil, o país que havia adotado conscientemente como seu, para acompanhar o marido diplomata. Durante um período de 16 anos, a autora vivenciou a experiência de um exílio, de uma diáspora, enquanto perambulava por vários países europeus, Marrocos e Estados Unidos, atuando como correio diplomático. Porém seu olhar permanecia constantemente enviesado, muitas vezes ausente da realidade circundante em terra estrangeira, voltado para o espaço de seu desejo de regresso.

Também suas cartas enviadas para amigos e parentes comprovam a sensação exílica que ganharia contornos poéticos de ficção em seus textos. Seu olhar estava, na

⁵ Em 1944, “Sérgio Milliet escreve uma crítica entusiasmada para sua coluna ‘Últimos Livros’, do diário *O Estado de S. Paulo*, em 15 de janeiro, relatando desde seu enfado diante do ‘estranho’ nome da autora – que acreditava ser um pseudônimo – até a surpresa que a leitura lhe causara. Muitos outros nomes aplaudiriam a estréia de Clarice, entre os quais Guilherme Figueiredo (*Diário de Notícias*, 23 de janeiro), Roberto Lyra (*A Noite*, 30 de janeiro), Breno Acioly (*O Jornal*, 30 de janeiro), Lauro Escorel (*A Manhã*, 2 de fevereiro), Dinah Silveira de Queiroz (*Jornal de Alagoas*, 27 de fevereiro), além dos amigos Lêdo Ivo (*Jornal de Alagoas*, 25 de fevereiro) e Lúcio Cardoso (*Diário Carioca*, 12 de março), para citar só alguns. As resenhas continuariam a aparecer até o segundo semestre do ano, com destaque para a atenção dada ao livro por Antonio Candido na *Folha da Manhã*: ele primeiro o cita, ao final de um artigo (*Língua, pensamento, literatura*, de 25 de junho), para dizer que o abordará exclusivamente em próximo texto, como de fato o faz, em 16 de julho.” (GOTLIB, 2004, p. 15)

verdade, direcionado para a vida no Brasil, local onde estabelecia laços literários e de amizade, além dos membros de sua família. Era neste país que ansiava levar adiante seu ofício de escritora em língua portuguesa, com clima sentimental e moral bem brasileiro. De fato, por saber outros idiomas e por ter a oportunidade de ser bem relacionada socialmente, Clarice poderia ter se tornado uma escritora conhecida, e consagrada, caso escrevesse e publicasse em outras línguas; entretanto, sua produção em outro idioma foi mínima, mostrando sua disposição em estabelecer uma relação íntima com a linguagem verbal, literária, apenas em português e o mais restrita possível com qualquer outro idioma⁶. Bem mais tarde, em uma entrevista dada em 1976, afirmou:

quando eu estava em Washington, num coquetel, um homem ficou me olhando, me olhando, chegou perto de mim e perguntou: “Você é russa?”. “Eu nasci na Rússia, mas não sou russa não, por quê?”. “Porque você tem o tipo fino dos russos”. Eu perguntei quem ele era e ele disse não sei o que Tolstói; era parente de Tolstói. (SANT’ANNA, 2013, p. 236)

Negando sua nacionalidade estrangeira, apesar de reconhecer o nascimento fora do Brasil, Clarice reafirma ser brasileira, reforçando seus laços com a língua de seu país. Queria ser escritora de língua portuguesa, pois chegou a afirmar:

Se eu fosse muda, e também não pudesse escrever, e me perguntassem a que língua eu queria pertencer, eu diria: inglês, que é preciso e belo. Mas como não nasci muda e pude escrever, tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português. Eu até queria não ter aprendido outras línguas: só para que minha abordagem do português fosse virgem e límpida. (LISPECTOR, 1999, p. 134-135)

Portanto, Clarice não estabeleceu esta relação com nenhuma outra língua, apesar de ter chegado a falar e escrever com fluência porque eram as línguas em uso nos seus ambientes sociais. Mas, se conhecer outros idiomas conspurcava sua própria abordagem da língua portuguesa, esta ainda permanecia como essencial para sua criação: de fato, talvez fosse esse contato puro, incontaminado e íntimo entre língua e ser que ela buscasse em sua literatura, como seria demonstrado através de Martim, em *A maçã no escuro* – o homem que busca a linguagem, que sente poder reinventar a si mesmo através do domínio da palavra. Clarice não consegue, exatamente, desvincilhar-se dos outros idiomas mesmo ao negar influências de outras línguas por justificar sua pronúncia dos erres (que muitos identificavam como um sotaque estrangeiro) como

⁶ Clarice escreveu o livro infantil *O mistério do coelho pensante* em inglês, enquanto morava em Washington, alegando que o fez com um objetivo específico e doméstico, pois simplesmente atendeu a um pedido de seu filho; o livro foi escrito em inglês para que a empregada pudesse lê-lo para o menino.

defeito de dicção em virtude de sua língua presa; no entanto, não desiste de fazê-lo, para reafirmar sua 'brasilidade'. Trata-se, ao mesmo tempo, da inscrição de sua negação do exílio. Se Clarice emprega esta palavra em sentido pessoal, não o faz para descrever-se como exilada durante seu período fora do Brasil no sentido mais comumente compreendido; porém sua obra dá mostras claras de uma sensação exílica bastante arraigada, intrínseca ao ser.

Assim, sua menção/significação é sutilmente construída como sugestão poética em seus romances. Inicialmente vista na relação com as personagens, é também transferida para a relação com a linguagem, evocando sempre uma ausência, uma perda ou uma dor. Em Clarice, a relação com a linguagem é, como o nascimento, o início de um exílio e, portanto, uma experiência dolorosa. Embora Clarice Lispector não estivesse fora do Brasil como exilada, tampouco poderia dizer que estava por vontade própria, sem a imposição dos condicionantes sociais aos quais estava submetida em sua posição de mulher e esposa de diplomata a partir da década de 1940. Há um matiz diferente, pequeno, talvez quase imperceptível: não estava fora porque queria, e sim porque outros queriam que ali estivesse, no pleno desempenho de funções normais e adequadas a uma mulher naquele contexto. As convenções deveriam ser seguidas, seu papel social como mulher impunha obrigações e comportamentos: casar, ter filhos, acompanhar o marido e apoiá-lo em sua carreira antes de dedicar-se à sua própria. Portanto, a idéia de exílio presente nos textos de Clarice se constrói a partir de uma concepção histórico-cultural acerca do próprio homem, aliada a uma história pessoal que remete a uma herança compartilhada.

Se a produção de Clarice Lispector nesse período fora do Brasil, englobando os romances *A cidade sitiada* e *A maçã no escuro*, dá conta de uma etapa de trabalho árduo e vagaroso, mais ou menos semelhante, *O lustre* é uma nota um pouco dissonante, pois pertence ao período imediatamente anterior e à fase inicial de sua vida no exterior. Não obstante, é do espaço estrangeiro que Clarice troca cartas com Elisa acerca da obra, seu enredo e personagem. Nestes textos paralelos, é possível perceber o olhar da autora sobre sua produção, o que certamente torna mais interessante a leitura. Ao longo deste período de escritura se vai gestando uma poética que, iniciada mais claramente no segundo romance, apresenta desdobramentos nas duas obras produzidas no estrangeiro, nas quais a inscrição de tal poética se faz notar, determinando certa unidade, embora não necessariamente uma complementaridade. As circunstâncias de vivência e de escritura, externas ao texto, não se alteram muito, assim como as possíveis

interferências que poderiam gerar no trabalho da autora. O período de escrita é intercalado pela produção de contos publicados em jornais no Brasil e que eram sua conexão com o público brasileiro. Todavia, não tiveram a mesma recepção pela crítica que seu primeiro romance, em especial *O lustre*, um livro que, segundo Clarice, já estava pronto no Brasil, dando-se em Nápoles apenas seu encerramento antes de um período de apatia, descrito como o de um sonho estéril, de meses sem escrever. Mas o anterior momento de indecisão quanto ao matrimônio – Clarice teria se aconselhado com o chefe no jornal onde trabalhava, e este lhe teria dito que não poderia ter esperanças românticas com seu amigo Lúcio Cardoso, devido à sua condição homossexual – é sucedido pelo noivado, o casamento com Maury Gurgel e a ida para Belém, longe do circuito das letras brasileiras próximo à então capital federal, antes do embarque para a Europa.

Foi este o período conturbado durante o qual Clarice produziu grande parte de *O lustre*, cuja conclusão ocorreria na Itália. Na edição de 1946 da Livraria Agir Editora (portanto, primeira edição da obra), ao término do texto há a indicação na página 341: *Rio, março de 1943. Nápoles, novembro de 1944*; as edições mais recentes de *O lustre* retiram estas anotações indicativas dos espaços de concepção criativa da obra, bem como a dedicatória à irmã Tania no início. A correspondência pessoal entre as duas irmãs registra que o livro foi tema de várias conversas, nas quais a autora sentia necessidade de falar sobre as personagens, em especial Virgínia, de certo modo justificando suas atitudes e características. A datação apresentada nas primeiras edições localiza especificamente dois lugares de produção de *O lustre*, inicial e terminal, ignorando os ambientes transitórios entre um e outro, como Belém, no Pará, ou Marrocos. Cabe notar que, mesmo à revelia, caso a autora desejasse extirpar qualquer forma de conexão evidente entre ficção e elementos de sua vida particular, o espaço estrangeiro se impõe sobre a feitura do livro, marcando o local de distanciamento, a terra de um princípio de exílio particular, diferenciado. Em sua ficção, demarca dois espaços simbólicos mimetizados na relação entre a personagem, a família e outros de seu círculo, e entre a região interiorana, onde a Virgínia menina mora, e a cidade para onde se dirige posteriormente e tem suas experiências de mulher adulta, exteriorizando uma tensão sempre presente que não poderá ser sanada ao longo da obra.

Neste livro, onde cria uma atmosfera quase alucinante, tensa e atordoante, segundo o comentário de Ferreira Gullar (GULLAR, 2007), Clarice deixa transparecer uma realidade estranha, transfigurada. Desde a sensação de solidão buscada por

Virgínia, heroína pouco inteligente, tão diferente das demais personagens protagonistas clariceanas, percebe-se uma sensação de deslocamento, de desacerto e descompasso com o ambiente externo, semelhantes às condições próprias de uma situação de exílio. Porém, talvez sua ausência de inteligência também resulte na ausência da percepção de sua real condição, e para ela o sentimento não seja aniquilador; ao contrário, o isolamento concedia vida ao casarão e à personagem, segundo sua forma de encarar a situação. Ainda que aliado à ideia de ausência, de vazio, é uma forma intensa de vida, única e isolada, sem depender de outras formas vivas, numa sensação individual de existência básica, primitiva. Esteticamente, é outra versão de exílio, em si mesma, mas numa criação bastante peculiar, única, narrada poeticamente sem, contudo, excluir o exílio como imposição de ruptura. No romance, a determinação do pai sela o futuro de Virgínia e do irmão Daniel longe do território da infância, destinados à vida urbana. Este é o momento da ruptura literal, espacial, dos tênues elos de conexão dos membros de Granja Quieta, exilando as crianças e, fica subentendido, isolando ainda mais os adultos em seus mundos particulares, apesar de coabitarem no mesmo espaço.

Podemos, portanto, até mesmo aproximar essa forma de refletir sobre o exílio pautada na ficção de Clarice Lispector com a proposta por Edward Said (2007) para pensar a ideia de orientalismo: ambos podem ser pensados como uma invenção de outrem. Em suma, é o modo clariciano de inventar e recriar um exílio no qual perdas, ausências, dores e algumas imposições, matizadas em diferentes graus, mas ainda assim violentas, embora simbólicas, a lançaram e, como escritora, utilizar essa matéria de sua vivência pessoal ou legada culturalmente traduzida em sua literatura. Suas narrativas, líricas sob vários aspectos, resultantes deste processo de criação ficcional, por vezes são escritas como se tudo se isolasse, encontrasse sua forma de vida à parte de tudo o mais, como elementos esparsos, desconectados em meio a um espaço meramente preenchido por objetos que nem chegam a compor um conjunto, como fica evidente no romance *O lustre*. De fato, a leitura deste romance revela um texto de densidade desconcertante, abrindo caminho para o terceiro romance, igualmente revelador sobre o fazer literário da autora, distanciando das convenções de uma literatura mais facilmente assimilável.

Quanto ao quarto capítulo, este tratará de aspectos que, em seu conjunto, revelam como a poética de exílio pode ser lida como uma espécie de estilo de escritura que Lispector utilizará em *O lustre*, mas que de algum modo ainda perseguirá e desenvolverá nos dois próximos romances, escritos totalmente em território estrangeiro. Neles, as evidentes diferenças os fazem obras únicas no que concerne à narrativa, ao

narrador e à estrutura, por exemplo; porém, é possível notar certo padrão de repetição, apesar de sua variação, na questão do espaço e do retorno. Efetivamente, o capítulo quatro ainda será dedicado a *O lustre*, fazendo apenas algumas breves menções aos próximos romances para indicar como *A cidade sitiada* será o romance que dará certa continuidade à poética desenvolvida em *O lustre* e como esta ainda seguirá persistente em *A maçã no escuro*, embora com dimensões e padrões diferenciados. Este aspecto de certa continuidade me parece bastante intrigante. O terceiro romance de Lispector é uma narrativa anacrônica, atemporal, porque quase medieval, apesar da data pouco precisa do romance: “O subúrbio de S. Geraldo, no ano de 192..., já misturava ao cheiro de estrebaria algum progresso” (LISPECTOR, 1975, p. 12). De fato, esse ‘algum progresso’ dará a tônica da narrativa, do espaço em construção e da personagem, quem escapa da falta de inteligência de Virgínia, mas ainda erra pelo território físico e simbólico em construção. Lucrécia Neves olha a cidade, e é por seu olhar errante e desejoso de ir embora que nomeia as coisas em seu espaço, relegando a linguagem a segundo plano, exilando-a em certo sentido. Criada em paralelo com a experiência pessoal de vida da escritora em Berna, Suíça, a ficcional S. Geraldo surge nas páginas do novo romance à luz (ou à sombra) desse espaço geográfico estrangeiro. Para além de seu tempo, a cidade sitiada se torna quase um organismo vivo, um convite ao olhar em seus contrastes, a cidade ao redor de seus habitantes.

Mais tarde, *A maçã no escuro* seria um romance escrito com constantes interrupções, iniciado em 1952, terminado em 1956 e publicado em 1961. Como ressonância da poética iniciada em *O lustre*, no protagonista do quarto romance há uma tendência ao exílio mais como opção do que imposição, necessidade. Martim, como as personagens anteriores, também se encontra na impossibilidade de dominar a realidade circundante, e é a ela submetido através do exercício de sua reconstrução, segundo Marly de Oliveira (1966). A reconstrução da realidade é feita de modo que acarreta uma relação com o espaço no qual se desenvolve, marcando também a relação estabelecida entre a autora e o espaço estrangeiro circundante, visto que na época de produção Clarice morava em Washington, nos Estados Unidos. Para Martim, desde o início da narrativa, é necessário fugir, deixar atrás tudo o que é conhecido para escapar das consequências de um suposto crime cometido. Tecendo um paralelo com a herança histórica de Clarice acerca do texto religioso e do povo judeu, há certa analogia com Caim, o primeiro assassino da história humana segundo o registro bíblico de Gênesis, quem fora banido do solo que lhe era conhecido tanto como castigo como para a

preservação de sua vida. Além disso, algo na narrativa sobre Martim se relaciona também com a antiga provisão das cidades de refúgio já localizadas no espaço geográfico do que seria a terra prometida, separadas para quem cometesse assassinato sem premeditação, mas através de um ato repentino que resultasse em morte⁷.

Segundo o aqui exposto, portanto, a indagação proposta versa sobre a possibilidade de rastrear no romance de 1946 o início definido de uma poética de exílio, bem como o desenvolvimento de um certo estilo de escritura, percebido também nos próximos dois romances de Lispector. Sua menção ajuda a entender que os textos de Clarice Lispector escritos fora do Brasil, sob uma nova perspectiva, à luz de teorias recentes, compõem uma voz provinda do exílio que se constitui em espaço ficcional sobre o qual a escritora estrutura poeticamente as narrativas. De fato, *A cidade sitiada* e *A maçã no escuro* não são propriamente uma continuidade, mas apresentam outras dimensões de um estilo em desenvolvimento que será retomado anos depois na novela *A hora da estrela*, o que dá evidências de sua permanência na literatura clariceana. São estas as linhas que delineiam a narrativa do exílio como criação poética segundo Clarice Lispector.

Para a leitura que proponho, considero o texto clariceano maleável e mutante, escapando a leituras limitadoras e dando abertura a outras novas. De modo que, apesar da necessidade do recorte, reconheço que o germe da narrativa poética de exílio não é exatamente uma novidade em *O lustre*, posto que já aparece na construção da personagem Joana, no romance de estreia *Perto do coração selvagem* (1943). Mas é no segundo que se pode notá-la com mais ênfase, e é também este romance que

⁷ Na história do povo hebreu, segundo a Bíblia, há outras referências ao banimento não exatamente como castigo, mas como provisão para preservação da vida. Segundo o registro da lei mosaica, encontrado no Pentateuco (conjunto de livros reconhecido pelos judeus e inserido na Bíblia cristã), o causador de uma morte accidental poderia se livrar da punição que exigia ‘alma por alma’, mas deveria ele mesmo se auto-exilar por imediatamente empreender uma fuga, uma corrida por sua vida em direção a determinadas cidades que deveriam recebê-lo, pois seria perseguido pelo vingador de sangue. Esta figura poderia ser algum parente da vítima, tendo o direito de executar o assassino sem sofrer qualquer tipo de retaliação, uma vez que apenas exigiria o preço devido à vida perdida: uma vida pela outra. Uma vez dentro da proteção da cidade de refúgio, porém, fazia-se necessário que o homicida não intencional permanecesse dentro dos portões para preservar sua vida, pois caso se distanciasse e fosse alcançado pelo vingador de sangue, sequer teria o direito de se defender. O período necessário de permanência naquele lugar de banimento poderia ser toda sua vida, embora a morte do sumo sacerdote também estabelecesse sua liberação, a qualquer tempo. A fuga imediata, no entanto, exigia deixar para trás tudo o que lhe era conhecido – família, amigos, a terra natal e a terra de suas recordações. Nestes casos, o apego ao que deveria ser abandonado cobraria seu tributo (Cf. a Bíblia Sagrada, no livro de Deuteronômio, capítulo 19). Mesmo indiretamente, este relato pode ser relacionado aos acontecimentos que precipitam a fuga do personagem Martim, de *A maçã no escuro*, ao passo que permanece como inscrição de uma forma peculiar de exílio já contemplada em escritos antigos. Por outro lado, quando comprovada a ausência do suposto crime, a redenção lhe é concedida através da figura de autoridade do pai.

aparentemente apresenta uma tênue linha de conexão que possibilitará rastrear a construção dessa poética como invenção particular de exílio, narrado de diferentes modos até o quarto romance, de 1961, retornando mais tarde, na obra de 1977. Em toda a obra de Lispector, porém, os textos vão criando uma intrincada trama de referências e interferências com/em outros, abarcando contos, crônicas, romances e até mesmo cartas, exigindo a percepção de diferentes modos de apresentação do exílio, bem como uma nova atitude investigativa diante de cada ‘novo’ texto. Como resultado, a postura de leitura diante de *O lustre* não poderia ser repetida à risca com *A cidade sitiada* ou *A maçã no escuro*, mas estes dois últimos textos podem ajudar a complementar as conclusões acerca do primeiro, demonstrando a dimensão cambiante, inquieta e dinâmica do percurso poético de Clarice Lispector que este trabalho busca rastrear.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. Dona Flor. *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 19 de maio de 1940. In: SACHS, Sonia (Org). *Vida Literária*. São Paulo: Edusp/HUCITEC, 1993, p. 188-189.
- AUERBACH, Eric. *Mimesis*. Trad. Samuel Titan Jr. e José Marcos M. de Machado. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988a.
- _____. *A poética do devaneio*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.
- _____. *A terra e os devaneios da vontade*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. *A água e os sonhos*. Ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética – a teoria do romance*. Trad. Aurora Bernardini et al. São Paulo: Unesp/HUCITEC, 1990.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Cultrix, 2004.
- _____. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Hortência dos Santos. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.
- _____. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BATAILLE, Georges. *El erotismo*. Trad. Javier Palacio Tauste. Barcelona: Editorial Tusquets, 2007.
- BAILEY, Cristina Ferreira-Pinto; ZILBERMAN, Regina. (Orgs) *Clarice Lispector. Novos aportes críticos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/ Universidad de Pittsburgh, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Paris, Capitale du XIX^e siècle. Le livre des passages*. Trad. Jean Lacoste. Paris: Les Editions du Cerf, 1989.
- _____. *O anjo da História*. Org e trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BERRY, Nicole. *O sentimento de identidade*. Trad. Maria José R. Faria Coracini. São Paulo: Escuta, 1991.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Trad. Novo Mundo da Bíblia Sagrada. Brazilian edition. New York: Watchtower Bible and Tract Society of New York, 2015.

BITTENCOURT, Amanda Rosa de. A simbologia na obra *O lustre* de Clarice Lispector. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Escritas do eu: perfis e consolidação do romance de introspecção no Brasil (1940-1970)*. Projeto de pesquisa CNPq, PUCRS, 2011.

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor del Quijote. In: BORGES, Jorge Luis. *Ficciones*. Buenos Aires: Alianza, 2006.

BRANDÃO, Luis Alberto. Espaços biográficos e suas expansões. In: CAIRO, Luiz Roberto, SANTURBANO, Andrea, PETERLE, Patricia, OLIVEIRA, Ana Maria D. de (orgs). *Visões poéticas do espaço*. Ensaios. Assis: FCL-Assis –UNESP Publicações, 2008, p. 87 – 100.

_____. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013.

CAIRO, Luiz Roberto, SANTURBANO, Andrea, PETERLE, Patricia, OLIVEIRA, Ana Maria D. de(orgs). *Visões poéticas do espaço*. Ensaios. Assis: FCL-Assis –UNESP Publicações, 2008.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. *Foco narrativo e fluxo de consciência: questões de teoria literária*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre Estudos Culturais*. Boitempo Editorial: São Paulo, 2003.

CHAMBERS, Iain. *Border dialogues: Journeys in Post-Modernity*. London: Routledge, 1990.

CHEREM, Lucia Peixoto. Nota introdutória/ Orelha. In: VARIN, Claire. *Línguas de fogo – Ensaio sobre Clarice Lispector*. Trad. Lúcia Peixoto Cherem. São Paulo: Limiar, 2002.

CHIARA, Ana Cristina de Rezende. Apresentação. O cruel realismo de *O lustre*. In: LISPECTOR, Clarice. *O lustre*, 9ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

CIXOUS, Hélène. *Reading with Clarice Lispector*. Minneapolis: University of Minesota Press, 1990.

CONDE, Ronaldo. A necessidade de escrever contos (Entrevista com Samuel Rawet). *Correio da Manhã*, 07 de dezembro de 1971.

COSTA, Anderson da. Paris surrealista: errância, revelação e mito. In: *Revista Estação Literária*. Londrina, 2012. Volume 10ª, p. 19-34, dez. www.uel.br/pos/letras/EL. Acesso em 15/03/2015

COUTINHO, Edilberto. *Criaturas de papel: temas de literatura & sexo & folclore & carnaval & futebol & televisão & outros temas da vida*. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1980.

COUTINHO, Fernanda; MORAES, Vera (orgs). *Clarices, uma homenagem (90 anos de nascimento, 50 anos de Laços de família)*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2012.

_____. Entrevista com Nádia Battella Gotlib. In COUTINHO, Fernanda. MORAES, Vera (orgs). *Clarices, uma homenagem (90 anos de nascimento, 50 anos de Laços de família)*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2012.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia 2*. Vol 4. Trad. Sueli Rounik. Vol. 5 Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013.

DOUBROVISKY, Serge. Les points sur lês “i”. In: JEANELLE, Jean-Louis; VOLLET, Catherine (dir). *Genèse et autofiction*. Louvain-la Neuve: Bruylant-Academia, 2007.

EULALIO, Alexandre. No Rio, com Clarice Lispector. Boletim Bibliográfico LBL – 4, julho/agosto 1961, edição “Livros do Brasil” Lisboa. *Remate de males nº 9*. Revista do Departamento de Teoria Literária e Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, pp. 18 – 21.

FERREIRA, Teresa Cristina Montero. *Eu sou uma pergunta: uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. Apresentação. In: LISPECTOR, Clarice. *Minhas queridas – Clarice Lispector*. Notas de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

FITZ, Earl E. Clarice Lispector and the Lyrical Novel: a re-examination of “A maçã no escuro”. *Luso-Brazilian Review*, Vol. 14, No. 2. University of Wisconsin Press, Winter, 1977, p. 153- 160)

_____. O lugar de Clarice Lispector na história da literatura ocidental: uma avaliação comparativa. *Remate de males* nº 9. Revista do Departamento de Teoria Literária e Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, pp. 31 – 38.

FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FORSTER, Ricardo. *El exílio de la palabra*. En torno a lo judío. Buenos Aires: Eudeba, 1999.

FREEDMAN, Ralph. *The lyrical novel – Studies in Hermann Hesse, André Gide and Virginia Woolf*. Princeton, New Jersey; London: Princeton University Press, Oxford University Press, 1963.

FREITAS, Alexander de. Água, ar, terra e fogo: arquétipos das configurações da imaginação poética na metafísica de Gaston Bachelard. *Revista Educação e Filosofia*. Uberlândia: Editora UFU, v. 20, n. 39, jan/jun. 2006, p. 39-70.

FREUD, Sigmund. *Moisés y La religión monoteísta*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, Vol. 23/ *Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, Vol. XXIII, 1939.

FUKELMAN, Clarisse. A palavra em exílio. Uma leitura de Clarice Lispector. In: GOTLIB, Nádia Batella (org). *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1990, p.161-80.

_____. Ouvir estrelas (ora direis). Apresentação. In: LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1993.

FUKS, Betty Bernardo. *Freud e a judeidade: a vocação do exílio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

GALBRAITH, J. K. *Inequality and instability: A study of the world economy just before the Great Crisis*. Oxford: Oxford University Press, 2012. Homepage: www.utexas.edu/lbj/directory/faculty/james-galbraith consulta em 02/02/2014. Acesso em 02/04/2015

GALVÃO, Walnice Nogueira. GOTLIB, Nadia Battella. *Prezado senhor, prezada senhora: Estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GARRAMUÑO, Florencia. *A experiência opaca: literatura e desencanto*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

GHIRALDELLI JR, Paulo. *A aventura da Filosofia - De Parmênides a Nietzsche*. São Paulo: Manole, 2010.

GOMES, André Luis. MIROIR, Jean Claude. Poética e devaneio no processo criativo de Clarice Lispector. In: COUTINHO, Fernanda. MORAES, Vera (orgs). *Clarices, uma homenagem (90 anos de nascimento, 50 anos de Laços de família)*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2012.

GOTLIB, Nádia Batella. *Clarice: uma vida que se conta*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Clarice Fotobiografia*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

GOTLIB, Nádia Battella, Equipe IMS. A descoberta do mundo – memória seletiva. *Cadernos de Literatura Brasileira – Clarice Lispector*. Edição Especial, números 17 e 18. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, Dezembro de 2004, p. 8 - 43.

GUINSBURG, Jacó. *Aventuras de uma língua errante: ensaios de literatura e teatro ídiche*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GULLAR, F; PEREGRINO, J. *Clarice Lispector – a hora da estrela*. São Paulo: Museu da língua portuguesa, 2007 (catálogo).

GURGEL, Gabriela Lírio. *A procura da palavra no escuro – Uma análise da criação de uma linguagem na obra de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende [et all]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart; CHEN, Kuan-Hsing. Cultural Studies and Politics of Internationalization: an Interview with Stuart Hall. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing (Org). *Stuart hall: Critical Dialogues in Cultural Studies*. Londres: Routledge, 1996.

HAYEK, Samir El. *Alcorão Sagrado*. www.ebooksbrasil.org/adobeebook/alcorao.pdf
Acesso em 15/03/2015

HELENA, Lúcia. *Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector*. Niterói: Eduff, 1997.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0.1 [CD-ROM], 2001.

HOURLANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

IVO, Lêdo. Confluências - Laços de família e outros laços atados pelo filho Paulo Gurgel Valente e três amigos sinceros da autora: Lêdo Ivo, Alberto Dines e Ferreira Gullar. *Cadernos de Literatura Brasileira – Clarice Lispector*. Edição Especial, números 17 e 18. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, Dezembro de 2004, p. 47 – 50.

JOSEFO, Flavio. *La guerra de los judíos*. Biblioteca virtual universal. Disponível em arquivo pdf através do www.google.com ou on-line através do site www.imperiuvn.org/cont/textos/txt/flavio-josefo_las-guerras-de-los-judios-li.html.
Acesso em 26/10/2015

JUNIOR, Moisés Gonçalves dos Santos. *Silêncio, sensações e segredos: o narrador e a personagem feminina no romance O lustre (1946), de Clarice Lispector*. Dissertação (mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP, 2015.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos revela a experiência psicanalítica. In: LACAN, J. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da Psicanálise*. Laplanche e Pontalis. 3ª ed. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LARUE, Anne. Pouvoirs de l'image. Le mythe entre récit et poésie. In: GÉLY-GHEDIRA, Véronique (dir.). *Mythe, récit et poésie*. Cahiers du CRLMC, 1998. Arquivo PDF in: <http://annlarue.files.wordpress.com/>. Acesso em 11/05/2014.

LIMA, Alceu Amoroso. Orelha. In: LISPECTOR, Clarice. *O lustre*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1943.

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: A Noite, 1946.

_____. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora: 1975.

_____. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Água viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1993.

_____. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

_____. [Carta a Tania.] Paris, 28, 29 jan. 1947. Carta, manuscrita. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa.

_____. [Carta a Lucio Cardoso, 26 mar. 1945.] In: LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

_____. [Cartas; pasta Correspondências]. Cartas manuscritas, datiloscritas. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa.

_____. *Correspondências*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

_____. *Minhas queridas – Clarice Lispector*. Notas de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. *O lustre*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.

_____. *O lustre*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

LISPECTOR, Elisa. *No exílio*. Brasília: Editora de Brasília – EBRASA, 1971.

_____. *Retratos antigos: (esboços a serem ampliados)*. Elisa Lispector; Nádia Batella Gotlib, org. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre Literatura*. Trad. Giseh Viana Konder. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

MANZO, Lícia. *Era uma vez: eu*. A não-ficção na obra de Clarice Lispector. Curitiba: Editora UFJF, 2001.

MARTINS, Fernando Cabral. O quinto império e o mundo interior. In: CAIRO, Luiz Roberto, SANTURBANO, Andrea, PETERLE, Patricia, OLIVEIRA, Ana Maria D. de(orgs). *Visões poéticas do espaço*. Ensaio. Assis: FCL-Assis –UNESP Publicações, 2008, p. 101 – 110.

MARTINS, Gilberto Figueiredo. O mundo dos outros: dados preliminares para um trabalho de cartografia (leitura de A hora a estrela). *Ângulo 111*, outubro/dezembro, 2007, p. 134 – 144. Disponível em: www.fatea.br/anglo. Acesso em 15/05/2014

_____. *Estátuas Invisíveis: Experiências do espaço público na ficção de Clarice Lispector*. São Paulo: Nankim: Edusp, 2010.

_____. *As vigas de um heroísmo vago* (três estudos de A maçã no escuro). Dissertação (Mestrado). FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

_____. Três mulheres de pedra ou de possíveis atalhos para um rompimento de cerco – uma leitura do romance A cidade sitiada. COUTINHO, Fernanda. MORAES, Vera (orgs). *Clarices, uma homenagem* (90 anos de nascimento, 50 anos de *Laços de família*). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2012.

MEDEIROS, V. L. C. *Luzes difusas sobre o verde-amarelo: questões brasileiras na perspectiva de Clarice Lispector*. 2002. 236 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MEZAN, Renato. *Psicanálise, judaísmo: ressonâncias*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

MOISÉS, Carlos Felipe. Clarice Lispector: ficção em crise. *Remate de males* nº 9. Revista do Departamento de Teoria Literária e Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p. 153 - 160.

MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

NINA, Cláudia. *A palavra usurpada*. Exílio e nomadismo na obra de Clarice Lispector. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

NOGUEIRA, T. M. *Condição humana e máscaras da contradição: um estudo das relações de amor em O lustre, de Clarice Lispector*. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

NOLASCO, Edgar C  zar. *Restos de fic  o*. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. *Clarices – uma homenagem*. Campo Grande: Editora UFMS, 2008.

_____. Políticas da crítica biográfica. NOLASCO, Edgar C  zar. *Cadernos de Estudos Culturais – Crítica Biográfica*, vol. 1, n. 1 (2009). Campo Grande: Editora UFMS, 2009, p. 35-50.

NUNES, Benedito. *O mundo de Clarice Lispector*. Manaus: Edi  es do Governo do Estado do Amazonas, 1966.

_____. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

_____. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Qu  ron, 1973.

_____. Os destroços da introspec  o. In: ZILBERMAN, Regina et all. *Clarice Lispector: a narra  o do indizível*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, EDIPUC, Instituto Cultural Marc Chagal, 1998, p. 35 - 48.

OLIVEIRA, Marly de. A maça no escuro. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 17 de julho de 1966.

OLIVEIRA, Marta Francisco de. ‘*Que quer dizer cultura?*’ - Uma leitura de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

_____. Meandros das crônicas em periódicos: possíveis ensaios claricianos no panorama do ensa  ismo breve latino-americano. Anais XII SEL – Seminário [Internacional] de Estudos Literários – “Avatares do folhetim”. Unesp Assis, 2015, p. 589 - 598.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Rumo    Eva do futuro: a mulher no romance de Clarice Lispector. *Remate de males* n   9. Revista do Departamento de Teoria Literária e

Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p. 95 – 105.

OLIVO JÚNIOR, Valdir. Sobre o exílio em Clarice Lispector. *Revista Estação Literária*, Londrina, Volume 10B, p. 63-80, jan. 2013. <http://www.uel.br/pos/letras/EL>. Acesso em 03/12/2014

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

PELLEGRINO, Helio. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

PEREC, Georges. *Espèces d'espaces*. Paris: Galilée, 2000.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

PICCHIO, Luciana Stegagno. Epifania de Clarice. *Remate de males* nº 9. Revista do Departamento de Teoria Literária e Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p. 17 – 20.

PONTIERI, Regina . *Clarice Lispector – uma poética do olhar*. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

QUEIROZ, Maria José. *Os males da ausência ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

RAMA, Ángel. *La transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo XXI Editores, 1982.

REIS, Livia de Freitas. Transculturização e transculturização narrativa. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

RIBEIRO, Maria Aparecida. Nem tanto a Ulisses, nem tanto a Penélope: a sobrevivência do mito em Clarice Lispector. In: COUTINHO, Fernanda. MORAES, Vera (orgs). *Clarices, uma homenagem (90 anos de nascimento, 50 anos de Laços de família)*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2012.

RICCIARDI, Giovanni. Espaço biográfico e literatura. In: CAIRO, Luiz Roberto, SANTURBANO, Andrea, PETERLE, Patricia, OLIVEIRA, Ana Maria D. de (orgs). *Visões poéticas do espaço*. Ensaio. Assis: FCL-Assis –UNESP Publicações, 2008, p. 111 - 124.

RODRÍGUEZ, Belén Castellanos. El erotismo como fascinación ante la muerte según Georges Bataille. *Nómadas – Revista Crítica de Ciencias sociales y jurídicas*, nº 26. Madrid: EMUI – Euro- Mediterranean University Institute / Universidad Complutense de Madrid. Publicación asociada a La Revista Nomads. Mediterranean Perspectives. Enero - junio 2010, p. 43-51. Disponível em pendientedemigracion.ucm.es/info/nomadas/26/ . Acesso em

ROSALDO, Renato. *Culture and truth: the remaking of social analysis*. Boston: Beacon, 1989.

ROSENBAUM, Yudith. *As metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector*. Tese (Doutorado). FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

____. As metamorfoses do mal em Clarice Lispector. *Revista USP*. São Paulo: Edusp, 1999, n. 41, p. 198-206, março/maio 1999.

ROSENFELD, Anatol. *Estrutura e problemas das obras literárias*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. Fernando Sabino – Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. Trad. de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

____. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Rosana Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALES, Léa Silveira. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. *Fractal – Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, v. 17, nº 1. Rio de Janeiro, Jan./ jun. 2005, p. 113 - 127. Disponível on-line: www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/issue/archive. Acesso em 03/03/2015

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Com Clarice / Affonso Romano de Sant'Anna, Marina Colasanti*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, J. B. *Entre o porão e o lustre: a relação personagem e espaço no romance O lustre*, de Clarice Lispector. 2008. 106f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas cidades, 1977.

SCLIAR, Moacir. Um pequeno depoimento. In: BAILEY, Cristina Ferreira-Pinto; ZILBERMAN, Regina. (Orgs) *Clarice Lispector. Novos aportes críticos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/ Universidad de Pittsburgh, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura*. O testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003).

_____. Entrevista. A literatura de testemunho e a afirmação da vida. Por Márcia Junges. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos On-line*, nº 344, Ano X, 21/09/2010. Acesso em 03/09/2015.

SOUSA, Carlos Mendes de. A revelação do nome. *Cadernos de literatura brasileira – Clarice Lispector*. Instituto Moreira Salles. Edição especial – números 17 e 18. Rio de Janeiro, Dezembro de 2004.

_____. *Clarice Lispector - Figuras da escrita*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. Crítica biográfica, ainda. *Cadernos de Estudos Culturais – Crítica Biográfica*, vol. 1, n. 1 (2009). Campo Grande: Editora UFMS, 2009, p. 51-57.

SOUZA, Gilda de Melo e. O lustre. *Remate de males* nº 9. Revista do Departamento de Teoria Literária e Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, pp. 171- 175.

SOVIK, Liv. Apresentação. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende [et all]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

SZKLO, Gilda Salem. “O búfalo”, Clarice Lispector e a herança mística judaica. *Remate de males* nº 9. Revista do Departamento de Teoria Literária e Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, pp. 107 - 113.

TADIÉ, Jean-Yves. *Le récit poétique*. Paris: Galimard, Collection Tel n° 240, 1994.

VALENTE, Paulo Gurgel. Entrevista comigo mesmo: Clarice. *Revista Urugualló*, Rio de Janeiro, 1995.

VARIN, Claire. *Línguas de fogo – Ensaio sobre Clarice Lispector*. Trad. Lúcia Peixoto Cherem. São Paulo: Limiar, 2002.

VIEIRA, Nelson H. A expressão judaica na obra de Clarice Lispector. *Remate de males* n° 9. Revista do Departamento de Teoria Literária e Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

_____. Uma mulher de espírito. In: ZILBERMAN, Regina et all. *Clarice Lispector: a narração do indizível*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, EDIPUC, Instituto Cultural Marc Chagal, 1998.

VIÑAR, Maren, VIÑAR, Marcelo. *Exílio e tortura*. Trad. Wladimir Barreto Lisboa. São Paulo: Escuta, 1992.

WALDMAN, Berta. O estrangeiro em Clarice Lispector: uma leitura de *A hora da estrela*. In: ZILBERMAN, Regina et all. *Clarice Lispector: a narração do indizível*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, EDIPUC, Instituto Cultural Marc Chagal, 1998.

_____. *Entre passos e rastros*. Presença judaica na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003.

WILLIAMS, Claire. Cidadã do mundo: as viagens de Lispector. In: BAILEY, Cristina Ferreira-Pinto; ZILBERMAN, Regina (Orgs). *Clarice Lispector. Novos aportes críticos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/ Universidad de Pittsburgh, 2007.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação – Ifch- Unicamp, 2004 (disponibilização eletrônica). Disponível através do e-mail: cienti.ifch@gmail.com Acesso em 14/09/2015